carioquice

publicação trimestral . ano v . n:18 . jul/ago/set 2008
ISS 1981-6049

publicação trimestral . ano v . n:18 . jul/ago/set 2008

"Foi um gol de anjo um verdadeiro gol de placa"

apud Jorge Ben Jor

mengoooo!

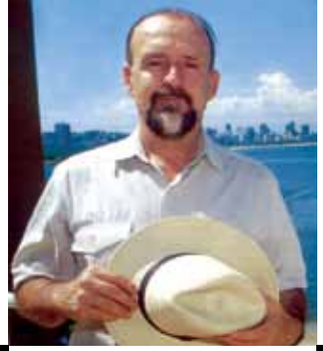
voa, galinho, voa!

carioquice

O boomerangue é o ícone de consumo responsável da AmBev. Ele foi criado para conscientizar as pessoas sobre o uso inadequado de bebida alcoólica. Se beber, não dirija. Tome um táxi ou escolha o 'Amigo da Vez', aquele amigo que vai se divertir a noite toda tomando Liber, a nossa cerveja 0,0% álcool, e depois levar a galera para casa. O grande lance do boomerangue é que ele foi totalmente inspirado na sua vida, porque, afinal de contas, 'é mais divertido ir e voltar'. Sempre. **www.ambev.com.br**

é mais divertido ir e voltar

AmBev



Esquina do Ricardo

MPB nas escolas

Ah! os desencontros do ensino no Brasil, da educação elementar e média para nossas crianças... Discutem-se rios de teses ao longo de décadas a fio. O ensino está melhor ou pior? Dificílima uma resposta exata. Há possibilidades mais recentes que são animadoras. E não me refiro nem à obviedade acachapante da abertura de mais escolas profissionais em regiões de população mais carente.

Porque meu assunto de agora é um quase milagre de diversidade, criatividade, originalidade. A música adentra, finalmente, as escolas. E por lei.

Nunca me esqueço de uma das mais constantes reclamações de quase todos os grandes vultos da música popular brasileira ao prestarem seus históricos depoimentos para a posteridade ao meu lado no Museu da Imagem e do Som. Era a década dos 60 e gente como Pixinguinha, Jacob do Bandolim e, sobretudo, Silvio Caldas pedia que os manda-chuvas determinassem que a música popular fosse às escolas. Sobretudo meu querido Silvio, que chegou a visitar todos os presidentes da República pedindo a cada um que os alunos estudassem os nomes dos que tramaram e constituíram a MPB.

Todos nós sabemos da investida histórica de Villa-Lobos por dentro do canto orfeônico juvenil em plena ditadura de Vargas. Todos nós, ainda nos anos 50 e 60, tínhamos (pelo menos no glorioso Colégio Pedro II) aulas amáveis de canto, ditado musical, etc.

Depois, a música silenciou nas escolas, ensurdecidas por certos pedagogos novidadeiros dessas últimas décadas.

Agora é lei: volta a música aos bancos escolares. No Rio, uma secretária de Educação culta — e que vê longe — já se mobiliza para levar ao ensino médio estadual não apenas o aprendizado teórico da música. Teresa Porto segue os passos dos reclamos de Silvio Caldas, talvez o maior cantor do Brasil, e pretende conduzir os seus alunos a reconhecer e estudar a história da MPB. Dos seus pioneiros, dos gêneros exuberantes criados a partir do Rio como o choro, o samba e a bossa nova. Ou seja, os alunos passarão a saber relacionar as origens de ontem aos resultados da MPB de hoje. Trocando em miúdos, uma Tati Quebra-Barraco jamais existiria se não houvesse uma Chiquinha Gonzaga.

SUMÁRIO

CARIOQUICE

Nº 18 JUL/AGO/SET 2008
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

4 A trilha sonora de um certo Rio

12 O genuíno dono da Bossa

18 MPB virou lição de escola

Cidade Maravilhosa

22 A bola agradece o carinho

30 Deus e o diabo em transe

Magia do Olhar

36 Criaturas de pedra e sal

Causos & Letras

44 O café bento da Carioca

Do bem comer e melhor beber

50 Manoel, Joaquim e o sorvete de bacuri

Saga Carioca

60 Rio: luz, câmera, ação

68 O condão de fazer música da pedra

Embaixador do Rio

80 Orgulho de ser carioca
Por Sérgio Malta

ERRATA

A carioquice do grupo "Cantores do Chuveiro" rendeu bela matéria na edição anterior. Contudo, deixaram de ser citados três intérpretes que integraram três dos quatro roteiros encenados pelo grupo:

1. Suzana Tonin
2. Sylvia Wachsner
3. Octávio Mello Alvarenga

A Carioquice se desculpa e faz votos que eles voltem a integrar o tão simpático "Cantores do Chuveiro".

EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli
Ilan Bar
Júlia Santhiago

ARTE
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Rubens Sylvio Costa

CAPA
Marcelo Carnaval

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cícero Sandroni
- Claudia Fialho
- Claudio Pereira
- Darc Costa
- Eva Mariani
- Everardo Magalhães Castro
- Francis Hime
- Gilberto Assemany
- Gracinha Melo
- Henrique Luz
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Jorge Goulart
- José Louzeiro
- Lan
- Lélia Coelho Frota
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luís Fernandes
- Luís Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga
- Oduvaldo de Azevedo Braga
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Direito Menezes
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71 / 14º andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Sansão Alves dos Santos, 76 / 7º andar · Brooklin · SP ·
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 5502-3844
email: clementeinsight@uol.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

A VALE
OFERECE MINÉRIO
PARA A SUA VIDA.

E USA TECNOLOGIA
AMBIENTAL PARA AJUDAR
A CONSERVAR 97% DA FLORESTA
NACIONAL DE CARAJÁS.

A mineração moderna praticada pela Vale usa tecnologia de ponta em seus processos produtivos e na sua gestão ambiental.

- A Vale recupera os 3% da área que utiliza em Carajás para mineração e infra-estrutura.
- E possui o maior viveiro de mudas de espécies nativas tropicais da América Latina.
- Na Reserva Natural Vale, em Linhares - ES, são protegidas seis espécies de felinos da Mata Atlântica, inclusive a onça-pintada.

A Vale acredita que pode fazer mais. É um enorme desafio mas, sim, é possível.

www.vale.com

VALE

a trilha sonora de um certo Rio

por Monica Ramalho

João Roberto Kelly, onde está você? A Carioquice quer dançar um iê-iê-iê. Nossa reportagem começa em ritmo de marchinha carnavalesca em homenagem a um dos compositores mais identificados com o Rio de Janeiro. São centenas de letras e melodias que fazem parte obrigatória da crônica musical da cidade. E se você não se esbaldou dançando a 'Cabeleira do Zezé' em algum salão da sua vida, vamos perguntando desde já: será que você é? Será que você é?

A história da televisão brasileira e, sobretudo, das geminais TV Excelsior e TV Rio não teria a mesma sonoridade sem as 88 teclas e as inumeráveis melodias de João Roberto Kelly, 70 anos de vida e 50 dedicados à música nacional. Compositor e pianista de musicais humorísticos nos idos 1960,

Kelly usava toda a criatividade da juventude nos célebres 'Times Square', 'My Fair Show' e 'Praça Onze', entre outros, cujos diretores o convidavam para ser uma espécie de compositor residente dos programas. Isso até ele virar apresentador do seu 'Musikelly', criado na TV Rio e reeditado na TV Globo, já no final da década.

Em 1963, João Roberto Kelly foi trabalhar na TV Excelsior através de Luís Reis, também pianista e compositor. Kelly foi contratado pelo diretor artístico Miguel Gustavo para fazer aberturas de programas. No mesmo ano, a emissora adquiriu o Cinema Astória, em Ipanema, para transformá-lo em teatro. "Até que um belo dia o Carlos Manga me chamou para musicar os quadros do 'Times Square', inspirado nos espetáculos da Broadway. Os atores cantavam, dançavam e representavam. Para cada quadro havia uma vinheta e eu caí feito luva nesse esquema", recorda.

Pelo menos um quadro do 'Times Square' é inesquecível para Kelly, o 'Samba de branco'. "Era uma sátira baseada nos novos ritmos que invadiam a sociedade, feita por quatro casais: Lilian Fernandes e Hamilton Ferreira ironizavam o chá chá chá, Zélia Hoffman e Paulo Celestino, o samba de balanço, Dorinha Duval e Daniel Filho,

João Roberto em três tempos: Com um ano já tocando pandeiro, aos três, fantasiado de cowboy e ao piano criando suas composições

o twist, e Isa Rodrigues e Waldir Maia satirizavam o hully gully. Quem dava o grito final, evocando o samba verdadeiro, eram Grande Otelo e Aizita. Foi um quadro antológico e a televisão brasileira viveu um período muito bonito nessa fase."

A TV Excelsior estreou em dia 9 de julho de 1960 nos estúdios de São Paulo. Foi uma emissora que inovou em vários quesitos: pagava bem aos seus artistas e investia numa programação mais dinâmica, com jornalismo, musicais, humorísticos e, naturalmente, novelas. Pioneira ao transmitir a cores o 'Moacyr Franco Show', em 1962, também saiu na frente em publicidade. Uma marca de cigarros patrocinada pela Excelsior estampava fotos dos artistas que atuavam na emissora com os dizeres: 'Ele (ou ela) também está no 9'. Foi o primeiro canal a usar o recurso do videotape.

Aliás, nessa época os artistas que trabalhavam em televisão já eram assediados por hordas de fãs nas ruas. Estava lançada a era das celebridades, que atualmente vivem fugindo dos *paparazzi*. Outra mudança significativa do período foi o aumento de vendas de aparelhos de TV. A figura do 'televizinho' — que não fazia cerimônia para invadir o sofá do amigo de quarteirão — começava a dar sinais de desaparecimento. Em 30 de setembro de 1970, quem desapareceu foi a Excelsior, por razões políticas.

Antes disso, Kelly assumiu também a criação musical de outra atração significativa: 'My Fair Show', dirigido por Maurício Sherman na mesma emissora. "Esses programas faziam muito sucesso", atesta o compositor. "Fui muito solicitado a partir deles. Em 1964, já estava na TV Rio, atuando no 'Praça Onze', outro campeão de audiência. Eram partituras gostosíssimas de fazer e mesmo quando eu saía os programas ficavam com as minhas músicas", lembra.

Das cenas emocionantes, João Roberto Kelly guardou uma, em especial. "Lembro de uma vez em que estava chegando à TV Rio. Passei num bar ali perto, no Posto Seis, em Copacabana, para tomar um café, por volta das 9h, e dei de

"Fernando Vitale acaba de editar meu songbook pela 'Irmãos Vitale'. Aliás, o diretor desta revista, meu amigo Cravo Albin, encomendou dois projetos importantes em minha vida: o Show 'Quero Kelly', com Emilinha Borba, em 1987, na antiga sala Sidney Müller e a música-tema do programa 'Fama', de 1993, transmitido pela Rede Brasil de TV"

cara com o elenco inteiro do 'Praça Onze'. Fiquei maravilhado de ver todo mundo cantando 'esta é a praça onze tão querida...', todo mundo treinando para a estréia do programa, escrito por Meira Guimarães e J. Ruy. Havia muito coleguismo no elenco e eu gosto muito de fazer parte desta história."

Compor sob encomenda era a especialidade de Kelly. "Eu visualizava o quadro quando o redator me contava, mais ou menos, como queria a música. Tinha um quadro no 'Praça Onze', chamado 'As podres de chique', com a Carmem Verônica e outras vedetes. A vinheta ficou uma beleza! Havia um outro quadro, era um pagode cheio de homens e compus: 'Tá faltando mulher na batucada do Zé'. Eu procurava imprimir essas idéias na música."

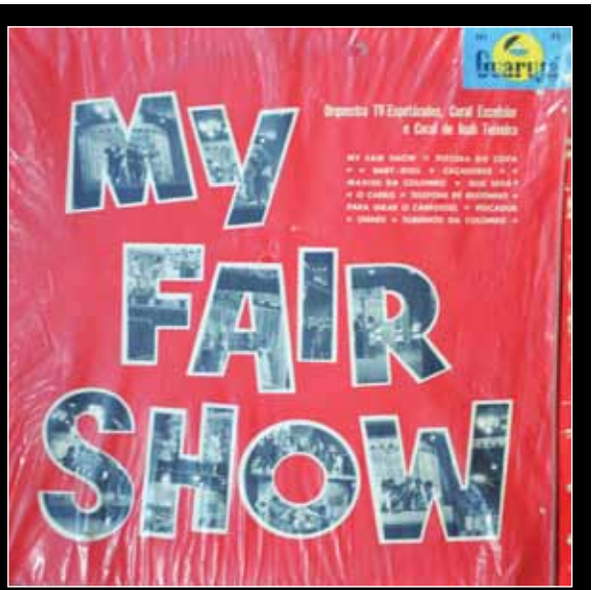
Kelly continuou na televisão atuando em programas como o 'Alegro', no Canal 5, e o 'Tonelux', na Rede Globo, ambos em 1966. Quatro anos depois, voltou à TV Rio para apresentar o 'Rio dá samba', que seria exibido pelos doze anos seguintes. "Se você ouvir os temas da época vai ver que eram bem brasileiros, mas usávamos harmonias bem modernas, tocadas ao vivo por orquestras com 40 integrantes. E o mais interessante é que eu fazia isso tudo sem nunca ter assistido a um espetáculo da Broadway. Boni, Walter Clark, Carlos Manga e Chico Anysio foram elementos fundamentais na televisão. Acho importante falar sobre esses tempos tão esquecidos."

Retrato a óleo de Joao Roberto Kelly

Os programas eram semanais, mas João Roberto Kelly trabalhava nas composições diariamente, em casa e nos estúdios, a qualquer hora e sempre em quantidade. "Fazia dois, três quadros novos com músicas inéditas todas as semanas". Os programas eram de humor inteligente, com textos ágeis. "Eram piadinhas soltas, sem grande compromisso de fazer o público rir. Tudo rápido, agradável de assistir e com um elenco preparado para cantar, dançar e atuar. E eu que não sou saudosista posso dizer que esses programas têm tudo a ver com os dias de hoje. Os musicais voltaram à moda nos teatros. E por que não na TV?", questiona.

Não bastasse toda essa atividade, ainda acumulava a função de produtor musical. "Depois de compôr, eu cuidava da orquestra, dos maestros do coral e ensaiava o elenco. Os programas eram ao vivo, com orquestra e todo mundo cantando ali na hora. Tive a honra de trabalhar com Radamés Gnattali e Severino Araújo, por exemplo. Eram orquestras de peso e medida, com coro e uma estrutura musical da melhor qualidade. Os teatros ficavam assim de gente bacana para ver o programa ao vivo. Não podemos esquecer que a imagem da televisão era em preto e branco", pontua.

E se atuava na fase de ouro da televisão brasileira, Kelly também contribuía magistralmente com o repertório do Carnaval. "Fiz 'Cabeleira do Zezé'



Nos anos 80, João Roberto Kelly virou âncora do programa 'Rio dá samba', na TV Corcovado, que trazia convidados permanentes, como Clementina de Jesus e Jamelão

em 1964, na época do 'Times Square'. E escrevi 'Mulata bossa-nova', 'Joga a chave, meu amor' e 'O rancho da Praça Onze' em 1965, quando trabalhava na TV Rio. Logo em seguida, o Walter Clark veio com a idéia de mostrar a minha cara, pegando carona no sucesso das marchinhas. E criou o 'Musikelly', do qual fui apresentador". No programa, Kelly ficava ao piano, acompanhado pela Orquestra Tabajara, e apresentava cantores, como Elis Regina, Wanderley Cardoso, Emilinha Borba e Dalva de Oliveira.

Já nos anos 80, João Roberto Kelly virou âncora do programa 'Rio dá samba', na TV Corcovado, que trazia convidados permanentes, como Clementina de Jesus e Jamelão. "Acredito que só pode descobrir a alta linhagem quem é aberto. Porque eu conhecia a música de Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan e os *spirituals* americanos, então, valorizei muito mais quando apareceu no samba uma cantora que representava toda uma negritude. Para entender a musicalidade de Clementina, tem que entender de música negra."

Na ocasião, Kelly assinou a direção musical de vários programas da TVE. Em 1993, foi convidado por Ricardo Cravo Albin para compor a abertura do 'Fama', da Rede Brasil. Como se vê, a alma encantadora de João Roberto Kelly fez dele um personagem e tanto da história da televisão nacional.

E se Kelly não é saudosista em relação à música, o mesmo não se pode dizer do Rio de Janeiro. "A cidade era mais calma. Você encontrava na noite os grandes boêmios, como

Antonio Maria e Sérgio Porto. Hoje ninguém mais sai de casa. A violência não era armada. Quem não se lembra com saudades do punguista? O sujeito roubava a carteira sem você perceber! Esse cara deveria ser premiado (risos). Compositores como Wilson Batista e Geraldo Pereira retrataram bem o malandro, que era astuto, espertalhão, mas não roubava. Quem não for saudosista em termos de Rio de Janeiro é louco", exclama o compositor.

Partituras reunidas em livro

'A Obra de João Roberto Kelly' (Irmãos Vitale) reúne 39 partituras do compositor com melodias cifradas para violão, guitarra e teclados. O livro apresenta duas vertentes da criação de Kelly: as marchinhas de carnaval e as canções da MPB. "Não é a minha obra inteira porque tenho mais de 300 músicas, mas aqui estão duas partes do meu trabalho que, a rigor, se divide em três: a carnavalesca, sempre muito solicitada; a romântica, feita por canções da música popular brasileira; e a de compositor de televisão, que me lançou no mundo artístico e considero a mais importante", enumera.

Com prefácio do jornalista e pesquisador Rodrigo Faour, o livro traz depoimentos de amigos de Kelly, como o diretor de televisão Maurício Sherman, o cantor e compositor Eduardo Dussek e o pesquisador Ricardo Cravo Albin, patrono do ICCA, que testemunha: "Costumo dizer que os maiores compositores do repertório carnavalesco de sempre estão centrados em Lamartine Babo e Braguinha. E também continuo a dizer que eles têm um herdeiro natural: João Roberto Kelly. Principal autor dos anos 50 para cá, ele não brilha só no carnaval: reluz também em sambas lindíssimos de meio de ano - como chamávamos as músicas fora do período da folia".

O sambalanço "Boato" (na voz de Elza Soares), as canções "Mistura" (gravada por Cauby Peixoto) e "Mormaço" (que ganhou registros poderosos de Ângela Maria e Helena de Lima), a fossa "Mais do que amor" (com Jamelão) e as marchinhas "Cabeleira do Zezé" (lançada por Jorge Goulart), "Mulata iê iê iê" (com Emilinha Borba), "Maria Sapatão" e "Bota a camisinha" (famosas com Chacrinha) são alguns de seus sucessos. João Roberto Kelly criou uma obra atemporal e, por isso, sempre apta a ser executada, desde as gravações originais até as releituras feitas pela cantora Fernanda Abreu, pela banda Pedro Luís e a Parede e pelo bloco Céu na Terra.

O genuíno dono da bossa

por Mônica Sinelli

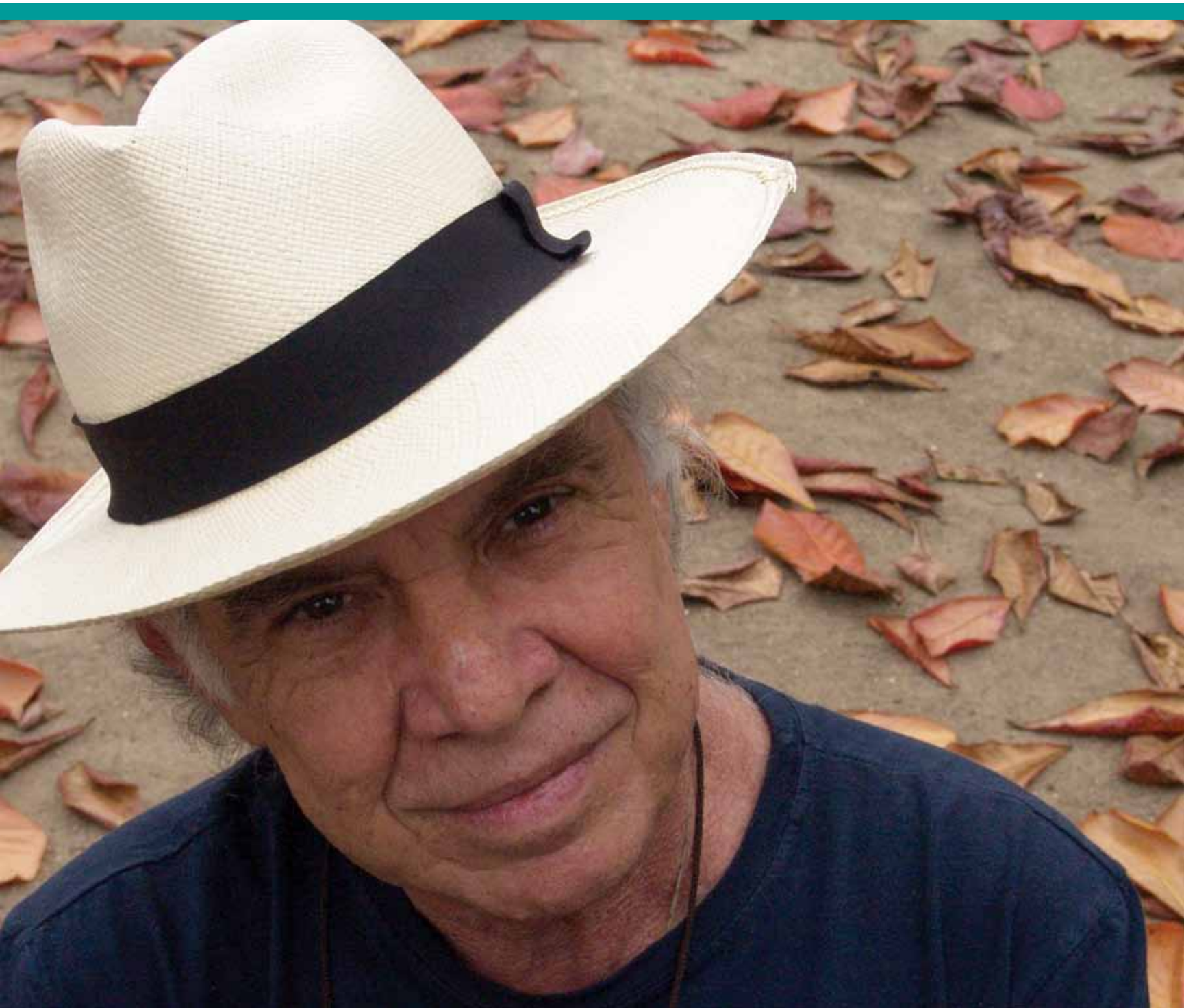
Não é história de pescador, não. É à vera: foi ele, foi ele, sim, que batizou o barulhinho bom inventado por um bando de jovens cariocas, trovadores do sol, do mar e do amor, que viriam a desenhar uma das mais lindas páginas da música brasileira. Vamos contar como foi, Mr. Fuks. Fotografei você na minha rolleyflex!

A expressão Bossa Nova apareceu pela primeira vez em um singelo quadro-negro para anunciar uma noite de jazz — e de uma sonoridade diferente, levada de modo intimista e com sotaque carioca — no Clube Universitário Hebraico. Nesse espaço cultural no bairro do Flamengo, onde funcionam ainda hoje, além da Biblioteca Bialik, representações da coletividade judaica, Moysés Fuks organizaria, numa quarta-feira de junho de 1958, a primeira apresentação formal de uns tais de Roberto, Luizinho, Nara, Ronaldo, Carlinhos, Chico...

Com o intuito de imprimir charme ao produto, o jornalista jura que cunhou o termo pelo qual os acordes dissonantes da galera ingressaram arrebatadoramente no olimpo musical do planeta. O nascente (e visionário) produtor Fuks editava o UH Revista, tablóide de espetáculos e cultura da Última Hora, cuja redação era muito freqüentada pela promissora turma por causa de Nara Leão, estagiária de jornalismo, irmã de Danuza, casada com Samuel Wainer, dono do jornal. "Eu já conhecia esse grupo, ia para a casa de um e outro, buscando assuntos para o caderno. Em determinado momento, pensei em promover uma atividade com a junção dos músicos que estavam criando um novo som — como Ronaldo Bôscoli, Roberto Menescal, Luiz Carlos Vinhas, Chico Fim de Noite (Chico Feitosa) — com o pessoal do jazz — Luizinho Eça, Bebeto. Todo mundo se empolgou e eu levei a idéia ao Grupo Universitário Hebraico, do qual eu fazia parte, quando cursava a Faculdade Nacional de Direito. Conversei com o então presidente do Grupo — o hoje arquiteto Zeca Levinson —, que submeteu a proposta aos demais diretores. Idéia aprovada, entrou a veia jornalística: precisava encontrar um título para anunciar aquela mistura de jazz com um novo tipo de samba, porque 'Noite Especial com Chico Feitosa, Menescal, Eça...', não dava, ninguém sabia quem eles eram. A palavra bossa já era conhecida. Aí bolei: Bossa Nova".

A estratégia de divulgação, na falta de popularidade dos famosos — quem como forma

de atrair o respeitável público, incluiu o convite, sugerido por Ronaldo Bôscoli, à cantora Silvinha Telles — já considerada profissional — para dar peso ao pioneiro evento. Naquela quarta-feira, lia-se em letras de giz na varanda do predinho da pequena Rua Fernando Osório, nº 16, que viveu seu dia de Carnegie Hall: Noite de Bossa Nova com Silvinha Telles. Roberto Menescal olhou aquilo e perguntou: "Mas por que Bossa Nova?" Alguém respondeu: "Não sei, não gostou?" E o futuro autor de O barquinho decretou: "Sim, está ótimo, deixa." A mesma chamada foi redigida num jurássico estêncil para ser mimeografado e servir de release aos associados. Na



Só privilegiados têm ouvido igual ao seu...

contramão do medo dos organizadores de não aparecer ninguém para conferir se o barquinho ia e vinha, aquela tardinha caiu e a noite foi um sucesso absoluto, a casa lotou, com gente na rua.

Se é tarde, me perdoa, mas quem afinal teria escrito pela primeira vez as duas palavrinhas simbióticas no tal quadro negro? "Somente agora, passados 50 anos, consegui localizar a então estudante e também secretária do Grupo naquele período. Lia Strauch, 66 anos, residente hoje em Israel, me enviou um e-mail, dizendo, literalmente: 'Eu era a responsável pela Secretaria e copiei do programa que você redigiu para os sócios os dizeres da noite de Bossa Nova com Silvinha Telles'. Segundo Fuks, com isso se restabelece a verdade dos fatos, pois há versões controversas para a origem do termo e do local da apresentação. "No excelente documentário 'Coisa mais linda', de Paulo Thiago, lançado em 2005, o presidente do clube Hebraica, em Laranjeiras, quando entrevistado diz: 'Não sabia que o movimento havia surgido aqui'. Claro que ele não sabia, porque não foi lá. A história é exatamente essa, não dá para mudar. Mas não registrei o título em Marcas e Patentes do Instituto Nacional de Propriedade Industrial", brinca o carioca, filho de imigrantes poloneses judeus refugiados de guerra, criado no bairro de São Cristóvão até os 17 anos e residente hoje no Flamengo, embora seja um vascaíno convicto.

Sempre ligado à música, Fuks criou logo após esse período, na página central da UH, um ranking com os lançamentos de discos da semana. Ao lado das capinhas dos álbuns de vinil,

Ah, se a juventude que essa brisa canta...

vinham os comentários e as notas de gente como Franco Paulino, Nelson Motta, Sergio Porto e Eli Halfoun, além do próprio secretário da Revista, claro. Essa seção virou uma bíblia e era recortada e colada em todas as lojas de discos.

Certos dias em que eu penso em minha gente

Moysés, o filho único de Aron e Golda, nasceu em 1937, cerca de um ano após a chegada de seus pais ao Brasil. O velho Fuks, como a maioria dos turcos da prestação (sírios, libaneses e judeus) era mascate. "Ele batia de porta em porta, basicamente Ramos, Olaria e Bonsucesso. A história da venda a prazo vem daí, porque o 'Salim' não dispunha da mercadoria estocada. Por isso, anotava a encomenda desejada, buscava o produto nas lojas e entregava ao cliente, que ia pagando em prestações. Mais tarde, um amigo de meu pai, médico e dono de farmácia na rua São Luiz Gonzaga, ficou doente e cedeu o pequeno consultório para a montagem de um armarinho administrado por minha mãe. Todo mundo comprava a crédito lá e eu via aquela gente trabalhadora, humilde fazer fila aos sábados para abater suas dívidas. Ninguém atrasava uma parcela. Era o início de um conceito de cidadania e credibilidade que esses imigrantes trouxeram às classes menos favorecidas — que até hoje apresentam o mais baixo índice de inadimplência no país — e do qual tenho muito orgulho", emociona-se o neto de judeus ortodoxos de uma cidadezinha de terra batida no interior da Polônia.

O ex-futuro advogado chegou ao jornalismo pelas mãos de Ariel Wainer, sobrinho de Samuel. No colégio, ele já fazia um jornalzinho chamado Flama, porque gostava de ler e escrever. Mas, na época, o sonho de qualquer pai era ter um filho médico, engenheiro ou advogado, não necessariamente nessa ordem. Chegou a freqüentar o

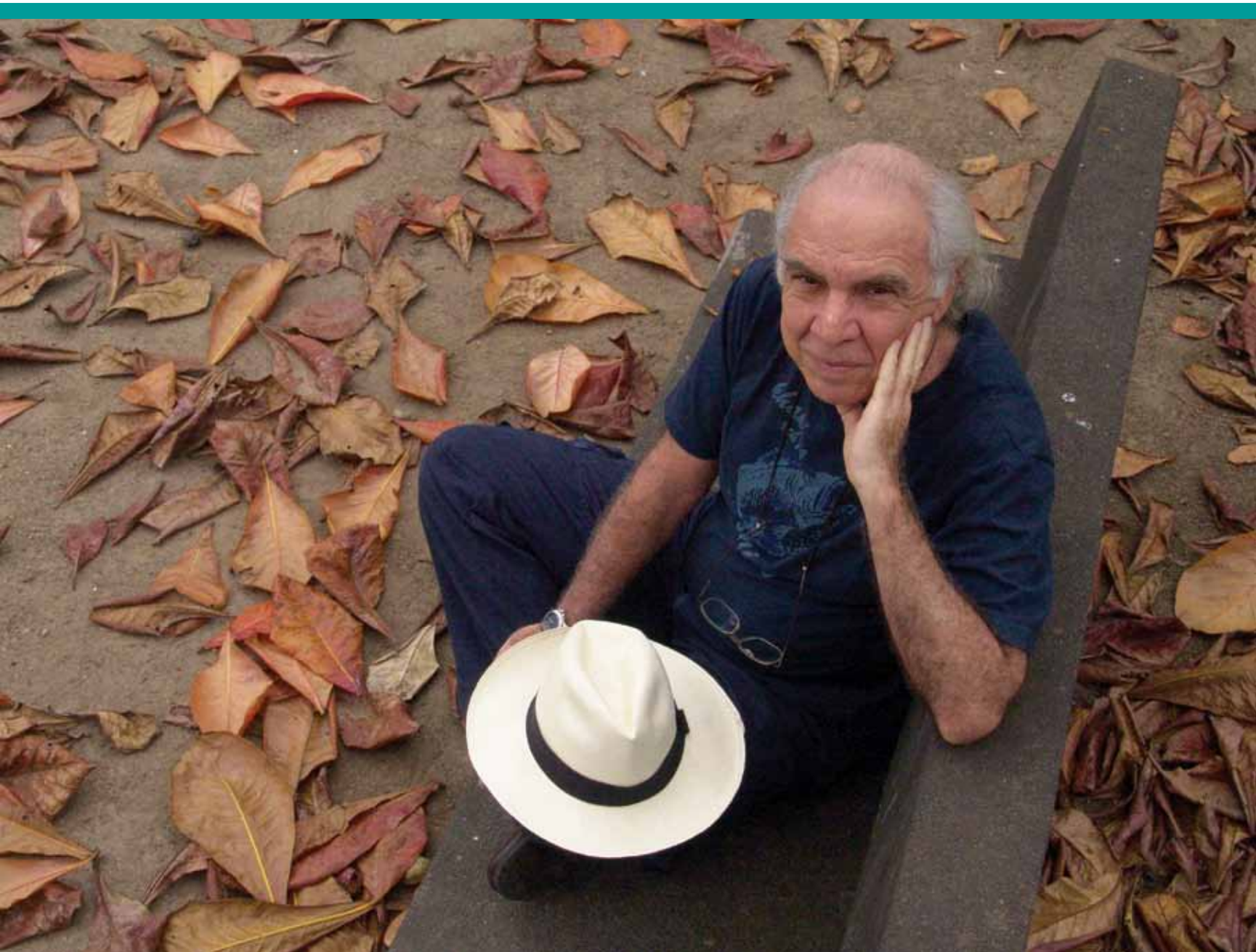
curso preparatório para o Vestibular de Medicina, mas logo viu que não seria feliz nessa praia e desistiu de seguir a carreira. Foi a segunda grande mágoa que causaria à família. O primeiro baque por não cumprimento daquilo que os pais arquitetaram para o seu filho único havia sido a abdicação ao violino. "Eu tocava muito bem e cheguei a participar de uma audição no Teatro Municipal. Adorava música popular, mas os professores me obrigavam a executar só os compositores clássicos, de seis a oito horas por dia, para ser um virtuoso. Eu tinha 12 anos, não queria isso e larguei o instrumento."

Aos 17, quando entrou para a Faculdade Nacional de Direito, Ariel Wainer o levou para o Última Hora. "Reescrevia notinhas que nunca eram publicadas. Até que, vários meses depois, Eugênio Lyra Filho, então secretário do jornal, me pediu para ler uma pequena matéria, sobre a disputa de uma vaga para professor de harpa contestada pelo segundo colocado, e criar uma chamada de primeira página. Saiu algo como 'Harpas desafinadas brigam pela cátedra'. Aí, começa de verdade a minha carreira, porque, no dia seguinte, fui chamado à sala do todo-poderoso dono do jornal. 'Que título é esse?', disparou Wainer enquanto ligava para o Departamento Pessoal, pedindo a minha demissão. Saí arrasado, claro! Eu, que nem contratado era, já estava demitido. Só que, pouco depois, fui chamado novamente por ele. 'O seu título é bom. O problema é que a pessoa envolvida é minha amiga e ficou meio chateada, achando que houve maldade. Você está contratado, mas não para fazer a primeira página. Vai começar lá de baixo'. Fui para a editoria de Polícia."

Como jornalista, Fuks foi assessor de imprensa da Embaixada de Israel no Brasil, editor das revistas Ele&Ela, Amiga e Fatos&Fotos, na Bloch Editores, e Revista da TV do Globo, em

Com Fuks, há menos peixinhos a nadar no mar...

que comandava simultaneamente o Jornal da Família e o Caderno de Turismo. Um dos fundadores, juntamente com Sérgio Cabral, Max Haus e Moyses Ajhaenblat, do Teatro Casagrande, no Leblon, há 40 anos, atuou, em paralelo, como debatedor do Sem Censura (TVE), redator de quadros para o Domingão do Faustão, produtor de shows, jurado de inúmeros Festivais da Canção e até comentarista do Globo de Ouro, programa da TV Globo que ditava a parada de sucessos musicais nos anos 70. Hoje, entre uma pescaria e outra em alto-mar e no Pantanal, o vice-presidente do Conselho de Programação da UTV (canal 16 da NET) dá aulas na UniverCidade, em Ipanema, e participa de debates semanais na rádio Tupi. Casado há 41 anos com a psicanalista Betty Bernardo, ele sempre encontra tempo para exercer uma de suas funções mais queridas: a de avô coruja de seis netos. Bravo, Fuks. Chega de saudade.



MPB virou lição de escola

por Kelly Nascimento

O Instituto Cultural Cravo Albin resolveu ensinar à garotada com quantas notas se faz a MPB. Em parceria com a Secretaria Estadual de Educação, o instituto está recriando o projeto MPBE (bolado em 2003, com apoio da Faperj). "A intenção do ICCA é a de não só atender como ampliar o incentivo ao estudo da história da MPB nas escolas, seus grandes vultos, os seus gêneros musicais, além da continuidade de gerações que se entrelaçam e produzem cultura", explica Ricardo Cravo Albin.

A idéia de levar MPB às escolas era uma antiga solicitação do cantor Sílvio Caldas. "Ele visitou todos os presidentes enquanto esteve vivo – de Vargas a Itamar. Não se conformava em ver as crianças não conhecerem o nome ou mesmo as obras de Chiquinha Gonzaga e Pixinguinha, por exemplo. Esse projeto é uma homenagem ao grande seresteiro do Brasil: Sílvio Caldas. E estamos realizando o seu sonho", diz Albin.

A proposta é uma ampliação do que aconteceu entre 2004 e 2005, quando uma parceria entre o ICCA, a Faperj e a Associação de Prefeitos dos Municípios do Estado do Rio de Janeiro (Apremerj) resultou numa uma solução didática que apresentou o vasto mundo de nossa música popular às escolas da rede pública das cidades de Piraí, Vassouras, Valença, Casimiro de Abreu e Rio das Flores. "O projeto piloto que se irradiou por outros municípios, teve início em Piraí (RJ) e foi apoiado pelo casal Maria Lúcia e Luiz Fernando Pezão. Sempre quisemos ampliá-lo e agora vamos fazê-lo, numa parceria com a Secretaria Estadual de Educação. A secretária Tereza Porto não apenas manifestou interesse, pois acredita na importância do conhecimento da MPB para a educação, como deu crédito de confiança no sentido de encomendar ao ICCA todos os cortes transversais para o projeto se expandir. Dividimos a história da MPB em seis cortes, cada um deles terá um livro didático e DVD distribuídos para as escolas. E também estamos promovendo visitas guiadas das escolas ao Instituto", explica Ricardo.

A Música Popular Brasileira é apresentada a partir de seis cortes transversais: cronologia da MPB; a sedução do choro; samba dos bambas; a diversidade do regional; os 50 anos da bossa nova; a Febre dos festivais: debate sobre MPB. As visitas guiadas são acompanhadas por monitores, incumbidos da missão de conduzir a garotada por um caminho que leva ao conhecimento de intér-

A história da MPB será dividida em seis cortes. Cada um deles terá um livro didático e DVD distribuídos para as escolas. E também serão promovidas visitas guiadas das escolas ao Instituto

A secretária Tereza Porto não apenas manifestou interesse, pois acredita na importância do conhecimento da MPB para a educação, como deu crédito de confiança no sentido de encomendar ao ICCA todos os cortes transversais para o projeto se expandir

pretes, origens e influências que levam à riqueza de sonoridades que se traduzem em nossa música hoje. A proposta contempla ainda seis livretos, seis DVDs e um 1 CD com seis pôsteres.

O ICCA aponta como justificativa para o projeto o fato de que o aprendizado da Música Popular Brasileira permite o tratamento integrado de diversos conteúdos, assegurando uma coerência entre o que é conhecido e vivenciado pelos alunos e o que é apresentado na escola nos vários campos do saber.

Entre os objetivos didáticos está a análise das influências da colonização européia e das matrizes africanas e indígenas; bem como seus reflexos nos modos e costumes, além de incentivar o aluno a participar das manifestações folclóricas, com suas músicas, coreografias e danças, entendendo a sua importância na preservação de valores e tradições. "O Icca sempre imaginou ancorar não apenas a cultura em favor da educação, como o resgate da cultura entre crianças e adolescentes", afirma o presidente da instituição.

A segunda etapa do projeto prevê atuação em toda a rede do ensino médio do Estado do Rio, através das 1.591 escolas mantidas pela Secretaria Estadual de Educação. Esta Secretaria se alça como pioneira em todo o país ao levar ao ensino médio o estudo da bela história da MPB.

Foi proposto possibilidades didáticas através de seis cortes da MPB, como vultos (intérpretes) e gêneros (lundu, choro, samba, bossa, axé, funk). Piraí, onde já estamos colhendo frutos, deverá ser um dos primeiros municípios onde o projeto 'Musica Popular Brasileira nas Escolas' será aplicado com seus novos equipamentos didáticos. Os alunos daquele município já promoveram homenagens a grandes nomes da MPB como Luiz Gonzaga, Ary Barroso, Dorival Caymmi e Tom Jobim. "Temos todo interesse em levar esse projeto para outros estados. O Ministério da Educação devia seguir o exemplo da secretária Tereza Porto. É o Rio de Janeiro ditando modas e fixando costumes, como diria Martinho da Vila em "Lendas e Tradições", exalta Albin.

Light. Eleita a empresa com melhor evolução da Região Sudeste do Prêmio Eletricidade 2008. Isto é motivo de orgulho e felicidade para nós.

mpm

www.light.com.br

Na Região Sudeste, a Light é a empresa que mais evoluiu, segundo o ranking da revista Eletricidade Moderna. Isto é a comprovação de que os seus serviços, operações e atendimento melhoram a cada dia que passa. Porque para ser uma empresa do futuro é preciso evoluir e inovar sempre.

Light

O RIO **É LIGHT**

a bola agradece o carinho

por **vera de souza**

O maior ídolo rubro-negro tem nome de rei e apelido de garoto peladeiro, daqueles que jogam com bola de meia em chão de paralelepípedo. Arthur, sua realeza, foi rebatizado como Zico, o primeiro e único. E fez embaixadas com o mundo na ponta da sua chuteira. Boleiro mor, amigo fiel, caráter exemplar, articulado, empreendedor, o Galinho de Quintino joga em todas as boas posições. A verdade é que o cara é irresistível. Cruzmaltinos, botafoguenses e tricolores sussurram, 'hei, hei, hei, Zico é nosso rei'.

A tarde já ia longe, quando Zico chegou ao seu centro de futebol, o CFZ, no Recreio dos Bandeirantes. Logo foi cercado por muitas crianças que nasceram quando o ídolo já tinha pendurado as chuteiras. O fascínio era o mesmo da época em que ele era o grande craque do Flamengo. Perguntado sobre isso, disse bem-humorado que "nenhum deles me viu jogar, mas os pais fizeram direitinho a cabeça da garotada".

Nascido em 3 de março de 1953, numa casa na Rua Lucinda Barbosa, em Quintino, Arthur foi o caçula dos sete filhos de seu Antunes e dona Matilde. Aos 10 anos já era Zico, graças a uma parente portuguesa, dona Ermelinda, que o chamava de Arturzinho, que foi virando Arthurzico, até chegar simplesmente a Zico.

Dessa época, ele guarda as melhores memórias das brincadeiras de rua, comuns naquele tempo para as crianças do subúrbio. Pique esconde, polícia-ladrão, pipa, pião, bola de gude. "Uma das minhas brincadeiras preferidas era o cotoco. Eu esperava ansioso que a vassoura lá de casa estragasse para cortá-la e fazer meus jogadores. Depois nós folheávamos os pedaços de madeira nas cores dos times e íamos jogar num campo de terra. A bola era a de ping-pong, a paleta feita com palito de Chicabon e a rede de filó. Tinha que ter criatividade", conclui.

Ao cotoco, uma espécie de jogo de botão, somava-se a paixão pelas partidas de futebol que ele jogava na rua de terra batida ou nos terrenos baldios da redondeza com seus irmãos e amigos. Começava a se forjar ali o craque do futuro. Todos os irmãos jogavam futebol. Antunes, o mais velho e já falecido, foi um bom atacante do América e do Fluminense. Edu brilhou no América, quando o time disputava títulos, jogou ainda no Flamengo e até na seleção brasileira."Interessante é que as

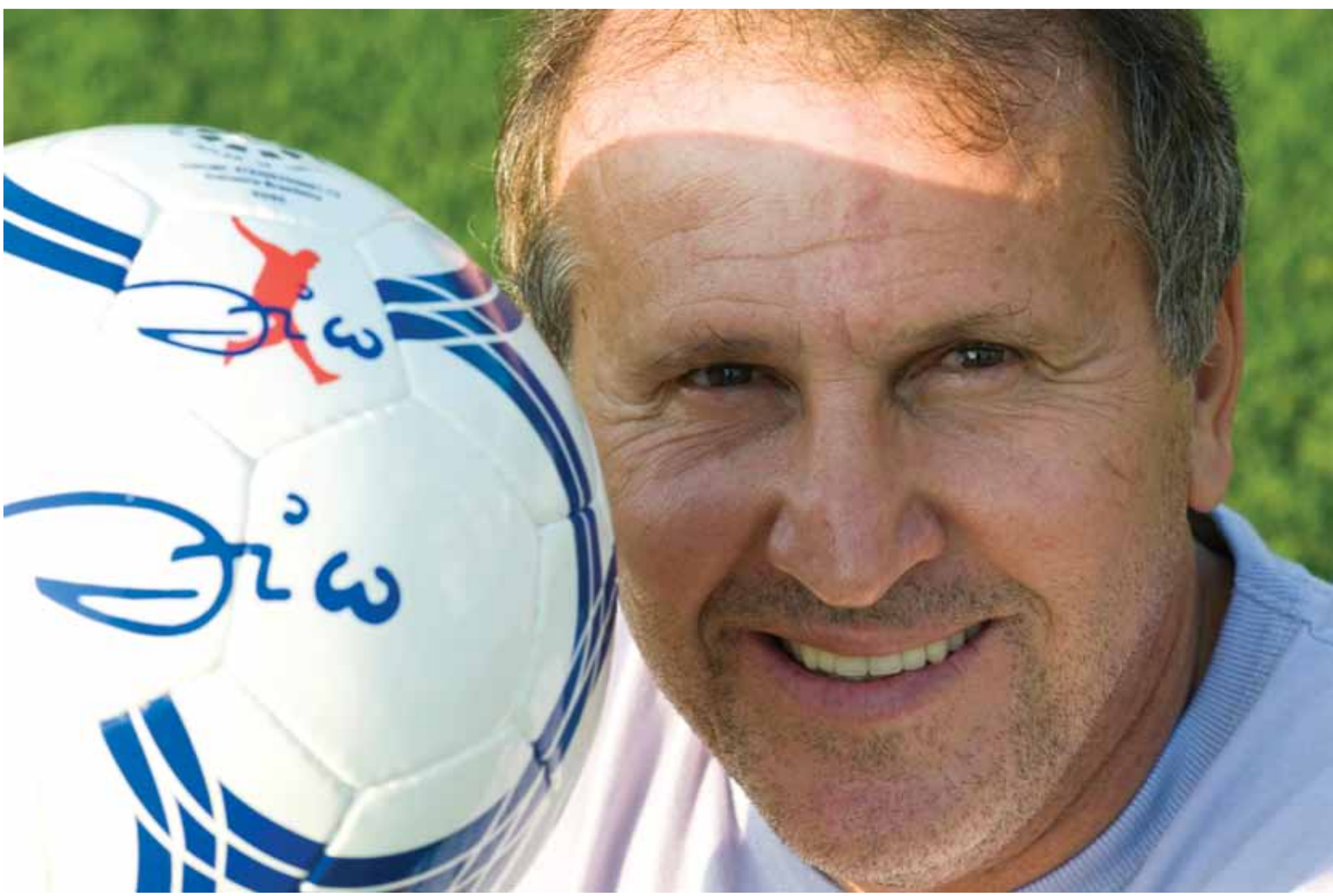
brincadeiras de rua, além de exigir imaginação, eram muito sadias e me ajudaram a desenvolver minha personalidade. Apesar de ser o caçula e muito protegido pelos meus irmãos, na rua eu tinha que resolver as coisas sozinho. Foi uma infância maravilhosa", relembra.

Ainda hoje, gosta de totó e botão — tem uma mesa em casa. Só reclama um pouco do totó, que hoje é invertido. "Mudaram a formação tática, antes eram dois, três e cinco. Agora é dois, cinco e três e o ataque que eu fazia com a mão esquerda, hoje é com a direita e eu não tenho a mesma habilidade".

Ter aprendido esses jogos na infância serviram muito para os períodos de concentração. "Jogávamos ping-pong, sinuca, totó, botão, jogo de cartas e era o que ajudava a passar o tempo", conta.

Futebol e samba

A infância e adolescência se dividiam entre os estudos, as brincadeiras e o carnaval. Um verdadeiro acontecimento. Quintino contava, na época, com os dois melhores ranchos da cidade: os Decididos e os Aliados, e seu Antunes sempre levava a família pra ver os desfiles, especialmente



os da terça-feira de carnaval, das grandes sociedades. Zico lembra em especial dos Tenentes do Diabo (que era Flamengo) e dos Fenianos. Daí para formar um bloco foi um passo. O time em que jogava, o Juventude de Quintino, juntou cerca de 20 pessoas e começaram a desfilar pelas ruas do bairro, nos domingos e terças-feira de carnaval. Na segunda-feira seguiam de trem para sair na Avenida Rio Branco. "Na época tinha 11 anos e eu e meus irmão saíamos no bloco que tinha fantasia, uma cara bom no surdo, outro no repique, no trombone de vara, no pistão e o povo seguia atrás. E à noite ainda íamos para o Pontal Praia Clube e nos apresentávamos no intervalo da orquestra, quando era feito o concurso. Ganhamos vários troféus de melhor bloco!", recorda.

A paixão pelas escolas de samba viria anos mais tarde, quando já estava no profissional do Flamengo. Freqüentava os ensaios da Mangueira, às sextas-feiras; da Portela, no Mourisco, aos sábados e domingo, na Maxwell, o do Salgueiro. Isso se não tivesse jogo no mesmo dia ou no dia seguinte.

"Senti muita falta do Rio nesses anos, principalmente da praia, da roda de amigos, do futebol, do samba, do teatro, cinema e restaurantes. O Japão é trabalho. Claro que tem bons restaurantes, mas cinema não dá. O que deu para aplacar um pouco a ausência da cidade foi ouvir Bossa Nova, que eles adoram"

Mas como futebol e samba sempre andaram juntos, o número de craques que batem um bolão no samba é grande. Zico, no entanto, é enfático em dizer que o número um para ele é Júnior. "Um cara ritmado, que toca bem pandeiro, surdo e repique. Ele tem o dom", afirma.

A comemoração dos 50 anos de vida, há cinco anos, não podia ter sido melhor. Saiu na avenida, pela Beija Flor, ao lado da mulher, Sandra, e dos filhos Júnior, Bruno e Tiago.

Canal 100

Voltando no tempo, nos anos 60, a camisa 10 do Flamengo tinha peso e patrono, Dida. Mas nas peladas, o menino franzino de Quintino, sonhava em vestir aquela camisa e ser como o ídolo. Quase não foi assim, seu irmão Edu já planejava levá-lo para o América. Mas num domingo seu destino mudou, o radialista e vizinho de bairro Celso Garcia, de tanto ouvir falar das proezas do garoto, foi vê-lo num torneio de futebol de salão no River. Zico arrebentou. Marcou nove dos 14x0 daquela partida. A partir dali seu destino estava selado. Fonseca convenceu o técnico do infantil do Flamengo, Modesto Bria, a testá-lo.

Ele chegou à Gávea, em 1967, na metade de um treino com garotos na faixa de 16 anos e, claro, mais fortes. Mas não teve jeito. Fez jogadas maravilhosas. Um verdadeiro show. O técnico ficou fascinado. A alma rubro-negra falou mais alto e Zico deu adeus à ida para a escolinha do América. E assim o menino Arthur que ficava atrás do gol, esperando o irmão Antunes marcar um gol para soltar um potente co-có-ri-cóóóó na comemoração, em breve se tornaria o famoso Galinho de Quintino.Trilhou uma carreira brilhante e se tornou, como sonhara, o patrono da camisa 10 rubro-negra.

"Ao longo desses anos as emoções foram muitas, mas o primeiro jogo como profissional foi

SETOR A
NAREDE.CO

indescritível. Estávamos perdendo de 1x 0 para o Botafogo e era um jogo decisivo. Nesse dia tinham umas 100 mil pessoas no Maracanã e teve um pênalti para eu bater, embaixo da torcida do Flamengo. Não foi fácil não. Quando a bola entrou foi aquela explosão. Vi aquela torcida vibrando, gritando meu nome. Imagine isso para um garoto de 17anos.", recorda feliz.

As vitórias se tornaram uma rotina para Zico e ele fala que o homem lá de cima deve ter lhe abençoado. Afinal, jogou no time do seu coração, teve pais maravilhosos, que lhe ensinaram valores éticos e morais, irmãos que o prepararam para o mundo do futebol e uma mulher, três filhos e agora um neto que ama e dos quais se orgulha.

Sem dúvida, foi abençoado por Deus. Senão, como imaginar que o garoto que em 1967 chegou à Gávea medindo 1,55 m e pesando 37kg e depois de muito trabalho de fortalecimento muscular, ganhou mais 17 centímetros e 33kg, e se transformou no maior artilheiro do Flamengo? Fez campanhas memoráveis nos anos 1970 e 1980. Foi campeão carioca nos anos de 1972 e 1974, além de artilheiro em 1975 com 30 gols. Mas não parou aí, foi ainda artilheiro, quatro vezes seguidas, de 1977 a 1979, além do estadual especial de 1979. Continuou mantendo a mesma marca nos anos de 1980, 1981 e 1982 dos campeonatos brasileiro, estadual, fazendo pelo Flamengo ou pela seleção, gols de falta, de cabeça, de bicicleta, de tudo quanto é jeito. E ainda trouxe o título da Libertadores da América, em 1981 e mesmo não tendo feito gols na final contra o Liverpool, no Japão, foi fundamental com seus lançamentos e passes para a vitória na final do Intercontinental.

saudades do brasil

Depois de jogar na Copa de 82, quando a Itália eliminou aquela que é apontada por muitos como a Seleção Brasileira com o futebol mais bonito da história e que não foi campeã, Zico recebeu várias propostas de times estrangeiros. Acabou aceitando ir para o Udinese na Itália e deu um até breve ao Flamengo. Seguiu para lá em 1983 e marcou a história do futebol europeu ao levar o modesto time a vitórias surpreendentes.

Duas temporadas depois, voltaria ao país para jogar pelo Flamengo até que a truculência de um jogador do Bangu, Márcio Nunes, tirou Zico dos gramados, levando-o a uma rotina de cirurgias e fisioterapia para recuperar o joelho. Muitos pensaram que era o fim de sua carreira, mas se enganaram. Seguiu até 1989 fazendo muitos gols pelo Flamengo. Dois anos depois foi para o Japão, passou sua experiência dentro de campo por três temporadas e, logo depois como técnico do Kashima. Ajudou a montar a estrutura da J-League, participando desde a organização dos clubes até a escolha dos melhores projetos para a construção de estádios. Tem duas estátuas por lá, alguns gols de placa na memória dos japoneses e o reconhecimento de um povo que o adotou e o chamava carinhosamente de Jico San.

Foram 15 anos e muitas histórias para contar. Principalmente sobre as saudades. "Senti muita falta do Rio nesses anos, principalmente da praia, da roda de amigos, do futebol, do samba, do teatro, cinema e restaurantes. O Japão é trabalho. Claro que tem bons restaurantes, mas cinema não dá. O que deu para aplacar um pouco a ausência da cidade foi ouvir Bossa Nova, que eles adoram, mas em 15 anos é pouco."

Zico conta que quando não estava em período de jogos, não perdia um show dos brasileiros que passavam por lá: João Bosco, Milton Nascimento, Sandy & Junior, Zezé de Camargo e Luciano, Jorge Benjor, Fagner. "Mas em 15 anos era pouco".

Arranhando o japonês conta passagens que retratam bem o espírito do carioca. "Os

japoneses são muito disciplinados, certinhos e às vezes não entendiam nossos trocadilhos e o intérprete, Suzuki, tinha que explicar. Fazíamos muitas brincadeiras com as palavras japonesas. Com licença, por exemplo, é 'sumimassen'. E a gente dizia 'sumiu mais cem' e passava batido (risos)".

Também foi vítima de algumas confusões, quando na primeira cerimônia que participou ao brindar disse 'tim-tim!'. Os japoneses usam 'kampai' e 'tim-tim' tem uma outra conotação, é o órgão sexual masculino. "Ficou um climão!", relembra.

Outra situação que viu acontecer na terra do sol nascente foi a da mudança do nome do jogador Wagner. "Imagine que o som do nome dele é o mesmo do órgão sexual feminino. Ele não podia se apresentar com esse nome e passou a ser Lopes".

De uma outra vez, por conta das diferenças culturais, o clima chegou a azedar entre ele e o presidente do clube. No Brasil, quem apita um treino é o terceiro na hierarquia. No Japão, não. Essa função cabe ao mais poderoso. Um dia, depois de comandar um treino com apito, encontrou com o presidente do clube que disse que o tinha visto com o apito. Zico ficou furioso. "Estava crente que o cara estava dizendo que eu era um nada. Respondi mal e quase brigamos. Depois comentei isso com o Suzuki e ele me explicou tudo. Fui pedir desculpas ao presidente. Como é que eu ia saber?".

Depois da longa temporada no Japão, foi a vez de seguir para Turquia, onde passou os dois últimos anos. Uma experiência completamente diferente. "Imagine, no Japão é tudo certinho, aí você chega na Turquia e é uma confusão. São muito explosivos, o trânsito é louco, todo mundo buzina, é pior do que no Rio. Além disso a comida é muito condimentada. Mas também foi uma

A infância e adolescência se dividiam entre os estudos, as brincadeiras e o carnaval. Um verdadeiro acontecimento. Quintino contava, na época, com os dois melhores ranchos da cidade: os Decididos e os Aliados

experiência muito boa. Com meu jeito conseguia apaziguar os ânimos e fiz com que eles me adorassem. Só saí de lá porque tive um problema com o presidente", conta.

O que está por vir

No momento, Zico está num período de transição, quer refazer sua vida como técnico, se possível, no futebol europeu, que gosta muito. Enquanto isso, não quer ficar de papo pro ar. Tem recebido convites de várias empresas para palestras, onde tem falado sobre motivação e os desafios para vencer em culturas tão diferentes.

Por ora, ele e Sandra têm aproveitado o que mais gostam da cidade: as caminhadas matinais nos fins de semana na praia da Barra. Depois, Zico joga religiosamente seu vôlei em frente ao condomínio Barramares. O casal adora cinema e teatro. "Mas nada de papo cabeça, tem que ser coisas leves, para relaxar. Acabamos de ver "Casa da Mãe Joana", do Carvana (Hugo) e adoramos. Reflete bem o espírito carioca", conta.

Poucos dias após a entrevista Zico seguiu para o Uzbequistão, onde foi assinar contrato para ser técnico do time Bunyadkor.

Mas um outro sonho ocupa seu coração e mente. Desde a década de 80 ele alimentava a idéia de ter um centro de treinamento para repassar conhecimento às novas gerações. A rotina como jogador o impediu de executar esse projeto. Ele ainda experimentou o gostinho de lidar com a garotada no Nova Geração, um time formado por seu irmão Edu com os meninos da família e filhos de amigos, num condomínio da Barra da Tijuca. A ida de Edu para o Iraque coincidiu com o período em que Zico estava operado. E ele, ainda de muletas, passou a acompanhar o time de perto. À sua chegada, mais garotos vieram e, a certa altura já eram mais de 80 para montar só dois times, que disputavam vários torneios no Rio.

Daí em diante, percebeu a necessidade de ter um espaço próprio e encontrou um terreno no Recreio dos Bandeirantes, de 17 mil metros quadrados, que depois foi duplicado. Ali ele construiu os campos e a sede do Centro de Futebol Zico. O CFZ já teve fase de contar com mil crianças. Hoje são cerca de 500. "Daqui já saiu muita gente que despontou para o futebol, e posso citar o Luiz Carlos, que hoje é centroavante do Internacional de Porto Alegre e que foi o craque do primeiro campeonato na faixa de 16 anos. Tem também o Caíque que foi do Flamengo. Aqui é o lugar que o garoto vai sentir se gosta de futebol. Não é aqui que ele vai aprender, mas vai saber se é isso que ele quer", conclui.

Desde sua inauguração oficial, em 20 de janeiro de 1995, o CFZ já desenvolveu projetos com a prefeitura e com o governo do estado o que permitiu atender quase 15 mil crianças em áreas menos assistidas.

"Foi muito bom porque dava uma nova perspectiva para essas crianças. Afinal o futebol disciplina, socializa e não tem preconceitos. Pode jogar o alto, o baixo, o branco, o negro. O único que tem mais dificuldade, mas é em qualquer atividade, exceto o sumô, é o cara gordinho. Mas mesmo esse pode se aplicar e mudar sua performance", explica.

Nesse momento o desejo de Zico é levar o CFZ para a Primeira Divisão. E vibra ao falar que a equipe vai muito bem. Perguntado sobre como ficaria o coração ao ver o CFZ jogando com o Flamengo, responde alegre que "Só chegar lá já vai ser uma vitória". E nós estaremos torcendo, Zico!

Deus e o diabo em transe

por ILAN BAR

"Alô, alô Brasil! Alô, alô América Latina! Alô, alô mundo! O assunto é cinema". Dona Lúcia, mãe do cineasta Glauber Rocha, tomou para si suas palavras, sacudiu a saudade do coração e se lançou obstinada ao trabalho de ressuscitar o filho. Há 25 anos em seu esforço para organização de todo o seu acervo, dona Lúcia vem enchendo de vida a memória do genial cineasta baiano. São Jorge, nosso santo guerreiro, que proteja a ambos. Glauber está vivo!

Impossível não se emocionar ao falar com dona Lúcia, uma verdadeira guerreira que dedicou boa parte de sua vida a preservar uma das mais importantes páginas do nosso cinema, a produção de Glauber Rocha. Expoente do Cinema Novo, Glauber foi fundamental na projeção de nossa produção cinematográfica em nível internacional. Graças à garra de dona Lúcia, as novas gerações, hoje, podem ter acesso aos clássicos restaurados, como a trilogia da terra: "Deus e o Diabo na Terra do Sol", "Terra em Transe" e "A Idade da Terra".

Dona Lúcia, chamada carinhosamente de 'Mãe do Cinema Novo' tem uma trajetória que se confunde com a do moderno cinema brasileiro. E é ela quem conta como tudo isso surgiu. "O Cinema Novo nasceu dentro da minha casa. O Glauber era o guru de todos, e lá em casa se reuniam o Cacá (Carlos Diegues), o Saraceni (Paulo César), o Leon (Hirszman), o Joaquim (Pedro de Andrade), o Jabor (Arnaldo), o Nélson Pereira (dos Santos), o João Ubaldo (Ribeiro). Todos ficavam meio em volta dele", lembra carinhosa.

O Tempo Glauber foi criado em 1983, dois depois da morte do cineasta. Antes de chegar ao seu endereço atual, à Rua Sorocaba, 190, ocupou um espaço no Museu da Imagem e do Som (MIS). Resultado de conversas que dona Lúcia manteve com o então vice-governador do Rio e grande amigo de Glauber, Darcy Ribeiro. Foi dele a idéia de levar o acerco para o MIS, na época dirigido por Heloísa Buarque de Hollanda, que imediatamente acolheu as obras.

Dona Lúcia conta que Glauber antes de morrer, pediu-lhe que cuidasse de suas coisas, reunisse seus filmes e toda sua produção intelectual. "Com tanta coisa que me aconteceu, depois de passar pelo sofrimento com a morte de meus filhos e do meu marido, eu nem sei como resisti. No início diziam que eu não ia conseguir, mas de

TEMPO
AATG
190

alguma forma ia realizar o desejo dele que queria criar um pólo cinematográfico para as gerações futuras. Glauber era um cara que tinha a cabeça cheia, ele dizia que a cabeça dele era um vulcão. De repente ele escrevia, desenhava", relembra dona Lúcia.

No mesmo ano de 1983, veio o patrocínio do Grupo Mariani que permitiu a contratação da primeira equipe de profissionais que deu início a catalogação da obra. Mas logo ficou claro que as limitações do espaço, com o contínuo crescimento do acervo, precisavam de um novo lugar.

Moradora de Botafogo, na Rua das Palmeiras, dona Lúcia tentou em reunião com o ministro Valdir Pires e o presidente José Sarney adquirir a casa onde a família residiu durante a década de 70. Os proprietários não aceitaram a proposta. A alternativa encontrada por ela foi solicitar ao governo à cessão da casa da Rua Sorocaba, que pertencia ao INSS e se encontrava em estado precário. Em 1987, através da Lei Sarney, o Tempo Glauber recebeu o patrocínio da White Martins e do Grupo Mariani para a reforma do imóvel. Foi necessária uma verba suplementar e aí entrou o Governo do Estado, representado por Moreira Franco, que finalizou as obras de restauração.

Em 1989, o Tempo Glauber abriu suas portas pela primeira vez. Dona Lúcia vencia mais uma de suas tantas batalhas. Um dos amigos que muito a ajudou na realização desse sonho foi Orlando Senna, aliás responsável pelo nome do espaço. "Orlando ia para Cuba e nos encontramos. Falei para ele 'Glauber está no tempo', imediatamente ele respondeu. 'Será Tempo Glauber', recorda.

Durante muitos anos o Tempo Glauber funcionou com uma pequena verba repassada pela Prefeitura do Rio. O valor era suficiente para a manutenção primária do local e pagamento de uma equipe reduzida. Os demais recursos, para preservação do acervo e administração, vinham das mostras e exposições. Com o passar do tempo, crises políticas e cortes de verbas fizeram com que o Tempo Glauber tivesse dificuldade para se manter. Na ausência de um patrocínio, a casa dispensou sua equipe e fechou suas portas em 1993. Durante dois anos, a instituição funcionou apenas programando exposições e mostras, porém com sua sede fechada ao público. Em 1995, restabeleceu o acordo com a Prefeitura do Rio e durante os quatro anos seguintes implementou algumas atividades extras como cursos esporádicos, pequenos eventos em seu jardim e exibição de filmes.

uma pedra no meio do caminho

Mais uma etapa a vencer. Se em 1998 a casa, já com nova equipe, dava início aos seus cursos, no ano seguinte seria surpreendida por um leilão público. O contrato de comodato tinha se expirado. A imprensa se mobilizou e uma campanha junto a amigos e políticos foi criada. Em 2000, através de um manifesto elaborado por Luiz Carlos Barreto, Walter Salles Jr., Cacá Diegues, João Rocha, Orlando Senna e Maria Clara Mariani, o Tempo Glauber convocou o então ministro Waldeck Ornelas que, de pronto, se manifestou publicamente e suspendeu o leilão, propondo a implementação de um projeto de lei no Congresso.

No mesmo ano, o presidente da República Fernando Henrique Cardoso prestou homenagem pública a dona Lúcia e a seu filho Glauber e oficializou o projeto de lei em que propunha a doação permanente do imóvel pelo INSS. O projeto aguardava aprovação.

Nesse meio tempo, o departamento de cursos do Tempo Glauber conseguiu patrocínio da Fujifilm, e realizou a primeira reforma do espaço. Ainda no mesmo ano, com recursos particulares e ajuda de amigos, João Rocha, diretor executivo, projetou e construiu o anexo Espaço Barravento, que trouxe

"Antes de morrer, Glauber me pediu que eu reunisse seus filmes e toda a sua produção. Ele queria ter feito um pólo cinematográfico para as futuras gerações. Então eu pensei em alguma coisa como o Tempo Glauber"

> "Disse ao Glauber que se ele passasse para a faculdade ia lhe dar dinheiro para comprar um carro. Ele passou e com o dinheiro comprou uma câmera"

várias atividades culturais para a instituição. Foi nessa que o Tempo Glauber lançou sua primeira produção audiovisual, "Abat-Jour Lilás".

Em 2001, o Tempo Glauber fechou mais uma vez suas portas ao público. A direção do Tempo descobriu que o INSS não poderia fazer doação de imóveis, portanto o projeto de lei era inválido. Mais uma vez a casa foi a leilão que depois foi paralisado e por fim cancelado graças a intervenções políticas e a mobilização da opinião pública. Dois anos depois recebeu patrocínio da Brasil Telecom e além das reformas, a instituição passou a ter seu sótão ocupado por ilhas de edição. Uma exposição permanente foi montada e terminais de pesquisa foram implementados com os recursos gerados pelo patrocínio.

Mais uma vez a casa sofreu com o corte de verbas vindas da Prefeitura e dona Lúcia acabou por enfartar e embarcou para São Paulo. Perguntada pelo médico sobre sua opinião de fazer uma cirurgia, ela diria "Abre!". Esse episódio somado a toda a trajetória do Tempo levou Paloma Rocha (filha de Glauber) e Joel Pizzini a realizarem o curta-metragem "Abry".

Atualmente com patrocínio da Petrobras, o Tempo Glauber conseguiu realizar a restauração de vários filmes do cineasta e criou a Coleção Glauber Rocha de DVDs. Ano passado começou o processo de catalogação, higienização e reacomodação dos 100 mil documentos que compõem o acervo. "Por uma dessas coincidências divinas, o Tempo Glauber hoje em dia está entre duas paixões do Glauber: a música, que se encontra no Museu Villa-Lobos e os índios, com seus arquivos e sua história abrigados no Museu do Índio", filosofa Ana Lúcia Rocha, irmã do cineasta.

Para dona Lúcia, Glauber nasceu fazendo cinema. "Ele fez a faculdade de Direito mais por obrigação dos pais do que por vontade própria. No dia que ele fez vestibular eu disse que se ele passasse, eu daria dinheiro para ele comprar um carro. Ele passou e com o dinheiro comprou uma câmera. Foi nesse momento que ele disse a frase: "Uma câmera na mão e uma idéia na cabeça", conclui. Glauber comprou a câmera mas quem ganhou o presente foi o povo brasileiro, e, em especial, os cariocas, que podem desfrutar das maravilhas que se encontram no Tempo Glauber.

Criaturas de pedra e sal

Bronze que te quero bronze. Céu de aquarela. Cores derramadas na terra. Solo e monolito. Passagem entre esquinas. Escultura e rito. Poeira escorrendo no ralo. Brota o milagre da pedra. Devoção, desinteresse e contemplação. Figura inanimada? Que nada. Apenas vida em outra versão. E as estátuas silentes nos dão a impressão que vão desencantar, procurando, pela cidade, o cinzel que as esculpiu em carne e osso. Rio de ferro, mármore e granito.

ensaio fotográfico de **Marcelo Carnaval**

Braquinha, Copacabana

Imperatriz Leopoldina.Quinta da Boa Vista

Monumento a General Osório, Praça XV

Carlos Drummond de Andrade, Praia de Copacabana

Ary Barroso. Leme

São Francisco de Assis, Centro

Machado de Assis, Centro

João Paulo II, Centro

Detalhe do Monumento a General Osório, Praça XV

D. Pedro I, Praça Tiradentes

O café bento da carioca

por Ruy Barreto Filho*

Tudo começou quando, no atual Largo da Carioca, aqui próximo, existia uma lagoa e nas suas margens foi erguida uma pequena capela, ocupada em 1607, por dois franciscanos; Frei Antônio dos Mártires e Frei Antônio das Chagas. Foi desta capela que, mais tarde, surgiu o Convento Santo Antonio, cuja construção foi iniciada há 400 anos, em 1608. E foi exatamente por causa desse convento que, quase 200 anos depois, cerca de 1800, o Brasil iniciou a exportação de café que possibilitou adquirir a nossa independência econômica.

A história do convento é cheia de fatos marcantes da nossa cidade e do nosso pais. Começa com o próprio inicio da sua construção, feita sob a orientação do Frei Vicente do Salvador — autor, em 1627, do primeiro livro sobre a "História do Brasil", em que narra os fatos desde o Descobrimento até o início do século XVII.

A imagem de Santo Antônio, que está na portaria do convento, tem uma história inusitada. Em 1710, quando o Rio de Janeiro foi invadido pelos franceses, liderados por Jean François Duclerc, o governador Francisco de Castro Morais, desesperado pediu proteção ao santo. Uma vez vencidos os franceses, o governador nomeou a estátua de Santo Antônio como capitão de infantaria, com direito a soldo, pago ao convento.

A história impressionou o Príncipe-Regente D. João VI, que promoveu a imagem de Santo Antônio a sargento-mór em 1810, e a tenente-coronel em 1813. D. João também lhe deu um belo bastão cravejado de pedras preciosas. O soldo do santo só deixou de ser pago ao convento em 1911.

Ao lado da igreja de Santo Antonio, foi construída a Igreja de São Francisco da Penitência, considerada jóia rara do barroco, tem paredes de cedro recobertas por cerca de 400 quilos de entalhes de ouro. Obra sem similar - quem não a conhece ainda não viu o verdadeiro barroco brasileiro e não verá, talvez, outra igual no mundo. Nela estão guardados os mais expressivos exemplares coloniais remanescentes no Rio de Janeiro.

Mas o Convento de Santo Antônio não ganhou notoriedade apenas por suas igrejas e tesouros coloniais. Um importante religioso a habitar as dependências do Convento foi Frei Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio. Era amigo de D. Pedro I e um dos conspiradores que convenceu o príncipe a declarar a Independência do Brasil. Na cela de Frei Sampaio, realizaram-se muitas reuniões secretas dos partidários da Independência. O próprio religioso foi o redator da carta entregue ao futuro Imperador e que o levou ao famoso "Dia do Fico".

Fazendo agora 400 anos, a história do Convento Santo Antonio é cheia de fatos marcantes da nossa cidade e do nosso pais. Começa com o próprio inicio da sua construção, feita sob a orientação do Frei Vicente do Salvador - autor, em 1627, do primeiro livro sobre a "História do Brasil"

Por volta de 1765, o Desembargador João Alberto de Castello Branco mandara vir umas sementes do café paraense para plantar no Rio de Janeiro

A primeira Imperatriz do Brasil, D. Leopoldina, morta em 1826, foi sepultada no Convento da Ajuda, e mais tarde seus restos mortais foram transferidos para o Convento de Santo Antônio, no qual foi construído um mausoléu para ela e alguns membros da Família Imperial.

Enfim, são incontáveis os fatos históricos ocorridos no Convento e ações catequizadoras e humanizadoras dos franciscanos no processo de interiorização e conquista do nosso território. Os franciscanos foram os primeiros sacerdotes que aqui chegaram após a Descoberta, em 1582. A primeira missa no Brasil foi oficiada pelo Frei Henrique de Coimbra, franciscano, bem como, são inumeráveis os milagres registrados por Santo Antonio, um dos principais santos da ordem franciscana. Foi na Igreja de Santo Antônio que se ordenou padre São Frei Galvão, o primeiro santo brasileiro.

Entretanto, de todos os feitos memoráveis dos franciscanos no Brasil, quero chamar a atenção para um que constitui o motivo deste artigo, e foi, por acaso, o que possibilitou deixarmos de ser uma miserável colônia, e dar início ao seu processo de desenvolvimento. Como introdução ao que irei contar, façamos um breve passeio pelo mundo daquela época.

A Guiana Francesa era grande produtora de café, produto de grande valor comercial . Tanto que o governo da Guiana protegia severamente seu patrimônio genético. Era punido com a pena de morte quem cedesse suas mudas a outros territórios, e principalmente ao Brasil.

Em 1727, um oficial português, Francisco de Melo Palheta, visitou a Guiana Francesa, com a missão secreta de obter as sementes ou mudas das variedades de café cultivadas no país. Graças a uma aventura amorosa, em Caiena, com Madame d´Orvilliers, esposa do governador da Guiana, obteve de suas mãos as sementes e mudas desejadas. As mudas e sementes foram plantadas no Pará, onde floresceram sem dificuldades.

Mas não seria no ambiente amazônico que a nova planta iria se expandir a um ritmo acelerado, a ponto de, rapidamente, tornar-se a principal atividade econômica do país.

Cerca de 40 anos depois, por volta de 1765, o Desembargador João Alberto de Castello Branco, mandara vir umas sementes do café paraense para plantar no Rio de Janeiro. E escolheu o Convento de Santo Antonio para semeá-las. O convento possuía uma chácara em volta do Morro de Santo Antonio, que correspondia à Avenida 13 de Maio, à Rua dos Barbonos — hoje Evaristo da Veiga — e o Largo da Lapa, onde estão os Arcos. E deu uma outra semente para o Convento da Ajuda, das Freiras da Ordem de Santa Beatriz da Silva, ou Ordem da Imaculada Conceição.E

finalmente deu outras duas sementes para João Hoppman cultivá-la em sua chácara na Rua Mata-Cavalos, hoje Rua do Riachuelo.

Segundo vários historiadores, as sementes que foram plantadas na chácara dos frades, na Rua Evaristo da Veiga, exatamente no local onde hoje se encontra o Quartel Geral da Policia Militar, são as que germinaram e se espalharam pouco a pouco, pelas chácaras e quintais dos bairros do Flamengo, Botagogo e Laranjeiras.

Enquanto isso, na Europa e nos Estados Unidos, que eram os maiores apreciadores de café no mundo, o consumo da bebida crescia extraordinariamente, exigindo constante aumento da produção. Só a Europa já consumia cerca de um milhão de sacas de café por ano. O mundo era abastecido pelas produções das colônias francesas e espanholas nas Antilhas, na Colômbia, e pela produção da Indonésia, então possessão holandesa. Foi quando aconteceram dois fatos inusitados, que influenciaram profundamente a nossa história.

O primeiro foi a explosão, em 1790, da revolta dos escravos nas colônias francesas e espanholas das Antilhas, liderados por François Dominique Toussant. Casas e fábricas foram incendiadas, cafezais e canaviais foram destruídos e a população branca foi massacrada. Os fazendeiros que escaparam da morte fugiram para Cuba, México e Estados Unidos.

Os distúrbios políticos nas Antilhas, portanto, interromperam bruscamente o fluxo dos principais fornecedores mundiais, deixando a Europa sem abastecimento. Resultado: os preços explodiram e surgiu um contrabando intenso. O pouco café que existia vinha da Indonésia, através das *tradings* inglesas, que assim colheram lucros extraordinários, ajudando a financiar a primeira revolução industrial.

Em seguida, em 1806, Napoleão decretou o bloqueio da Inglaterra, como conseqüência da guerra que havia estourado contra quase toda a Europa aristocrática. Assim o café desapareceu da Europa. Seus preços atingiram níveis inimagináveis. Uma notícia dessas, naturalmente, espalhou-se pelo mundo como um rastilho de pólvora, chegando rapidamente ao Brasil.

Os veleiros europeus que chegavam ao Brasil pagavam qualquer preço por grãos de café. A cobiça e a avidez da fortuna fácil se encarregou de fazer girar a roda da fortuna. De uma hora para outra, simples chácaras viraram fazendas de café. Alguns cafeicultores fugidos do incêndio antilhano e do Caribe correram para o Rio de Janeiro, e ocuparam todo o Alto da Boa Vista. A ferro e fogo, botaram abaixo a secular floresta, transformando-a não só em uma grande lavoura cafeeira, bem como na primeira escola da cafeicultura brasileira.

O café desceu as montanhas cariocas, avançou pela região suburbana, por Campo Grande e Santa Cruz, daí chegou à cidade de Rezende, penetrando no Vale do Paraiba. Em 1800, iniciamos a exportação brasileira de café, com apenas 10 sacas.

Não podemos esquecer que, à época em que aqui foram plantadas as quatro sementes, na chácara do Convento, éramos, a bem da verdade, uma pobre colônia lusitana vivendo um quadro social dantesco: com cerca de quase um milhão de pessoas vivendo miseravelmente na exaurida região do ouro e do diamante, sem qualquer perspectiva de vida, emprego ou oportunidade.

Mas, com as notícias do surgimento de uma nova oportunidade de fortuna — a lavoura de café —, os brasileiros, que sempre foram empreendedores, embrenharam-se pela Mata Atlântica, até então impenetrável e indevassável. Derrubaram florestas e desbravaram terras na Zona da Mata de Minas Gerais, no Rio de Janeiro e no sul do Espirito Santo.

Neste ínterim, a família real aqui chegou, em 1808, e daqui saiu 13 anos depois, em 1821.

É possível que sequer tiveram a oportunidade de avaliar que uma multidão de brasileiros estava anonimamente plantando lavouras de café por todo o interior da Região Sudeste e, nesta marcha febril, criando novas cidades e fazendo fortunas.

Esses empreendedores anônimos não só plantaram e colheram café sem qualquer auxílio oficial, como sequer havia estruturas comerciais e exportadoras organizadas. Da mesma forma, sozinhos e inexperientes, lançaram-se em busca de mercados internacionais desconhecidos, competindo em desigualdade com produtores de outros países com tradição secular na atividade.

Os brasileiros não se acovardaram diante das imensas dificuldades. Muitos viajaram por seus próprios meios e em embarcações, sabe Deus, por eles próprios construídas, navegadas por pessoas inexperientes que aprenderam a conquistar as fúrias do mar, com o mesmo estoicismo herdado dos seus antepassados. A história do Brasil muito pouco registra desses feitos.

Assim foram conquistando porto por porto, mercado por mercado, apesar de serem quase todos analfabetos em letras, contas e em moedas. O que era natural, pois na colônia era proibido imprimir jornais ou livros. Ou até mesmo importar. Por isso, não temos nenhum registro escrito desses heróicos episódios.

O café desceu as montanhas cariocas, avançou pela região suburbana, por Campo Grande e Santa Cruz, daí chegou à cidade de Rezende, penetrando no Vale do Paraiba

Quando o nosso Imperador D.Pedro I, decidiu abdicar, e deixou-nos como sucessor ao trono, para pasmo do mundo, um menino de 5 anos de idade, não estava abandonando uma nação sem qualquer viabilidade, como julgava, mas, sem saber, deixava uma nação às vésperas de se tornar a maior produtora e exportadora de café do mundo. Alguns anos mais tarde, em 1854, ocorreu um outro fato extraordinário e pouco comentado.

O Brasil-Colônia tinha extraído de suas minas, durante quase 80 anos, cerca de oito milhões de quilos de ouro e outro tanto de diamantes, que foram todos para a Inglaterra, por força do desastrado Tratado de Methwen, assinado com Portugal, em 1703. Aqui nada ficou.

Mas aquelas quatro sementes que germinaram e frutificaram, aqui no centro do Rio de Janeiro, na chácara do Morro de Santo Antônio, possibilitou ao nosso Porto do Rio de Janeiro, em apenas 12 meses, exportar, só em café, o equivalente em libras esterlinas muito mais do que havia sido extraído

do Brasil durante os 80 anos do ciclo do ouro e do diamante. Chegamos assim a nos tornar uma das mais ricas nações do mundo. Mas a história da cafeicultura fluminense não termina aí.

Em 1888, abastecíamos mais de 80% do consumo mundial. Desse total, 60% vinha do Estado do Rio, 20% da Zona da Mata de Minas Gerais, e 10% do Espirito Santo. 90% da produção nacional, portanto, era escoada pelo Porto do Rio de Janeiro, e por isso a qualidade ou o sabor da bebida do café brasileiro ficou conhecida como "Café Rio-Zona". Era, como ainda é até hoje, estupidamente, considerada a pior qualidade de café arábica existente no nosso país. Embora fosse a qualidade preferida do mundo, desgraçadamente não era do agrado da tropa de elite que passou a dominar a monarquia. Assim decidiram, como François Dominique Toussant, o famoso incendiário antilhano, destruir todas as lavouras que produziam Café Rio-Zona, por outra que aí está.

Esse desastre aconteceu, casualmente, num dia 13 de maio, mês que era feita a colheita do café no Rio de Janeiro Não quero me referir à Lei Áurea, como podem pensar, que, aliás, deveria ter sido feita pela monarquia dezenas e dezenas de anos antes, como era do desejo dos próprios produtores de café. Refiro-me ao maior golpe econômico já praticado em nosso país, cujas conseqüências nefastas continuam produzindo, para incredulidade da nação, este macabro desfile de violências que assistimos acontecer, periodicamente, nas 700 favelas que surgiram em nossa cidade, para vergonha de nossa nação.

De toda essa massa humana favelada, 83% é originária da área do Café Rio-Zona, que foi a de maior renda *per capita* do país, e hoje, é um território cuja renda *per capita* é menor do que a média do Nordeste. E, à medida que as outroras maiores lavouras de café do mundo, como eram as fluminenses, vão a cada ano, por herança, se divindo e redividindo, criando o maior território de minifúndios do país, provoca-se o abandono de toda atividade produtiva, gerando desemprego e miséria.

Sua população, sem qualquer alternativa econômica, diminui ano a ano, devido ao êxodo para o Rio de Janeiro, inchando nossas favelas e produzindo novas aglomerações. Enquanto isso, as autoridades do Vietnã copiando o exemplo do Brasil, há apenas dez anos, precisando de uma atividade com forte demanda internacional e que criasse, em pouco tempo, milhões de empregos, sem necessidade de grandes investimentos, escolheram o café, e fizeram uma distribuição maciça de sementes. Em pouco mais de 10 anos, tornaram-se o maior produtor de café robusta do mundo, colhendo 20 milhões de sacas, segundo maior exportador de café do planeta, depois do Brasil. Recentemente, mandaram uma advertência ao Brasil, ao afirmarem que pretendem, no médio prazo, ultrapassar o Brasil, e se colocarem como o maior exportador de café do mundo.

Quero apenas, ao terminar, voltar a nossa lembrança para aquelas quatro sementes plantadas no Covento de Santo Antonio, e pedir que transmitam a seus filhos e netos, que, apesar das dificuldades que o país enfrenta, temos condições de melhorar o bem-estar do nosso povo e do nosso país. Pois ele é, na verdade, um exemplo de sucesso para o mundo, pois deixou de ser uma pobre e inviável colônia, com ajuda daquelas quatro sementes, um produto agrícola considerado, até hoje, incrivelmente, uma bebida supérflua, foi capaz de nos transformar em uma das dez mais ricas nações do mundo.

***Ruy Barreto Filho** é empresário e ex-presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro*

Manoel, Joaquim e o sorvete de bacuri

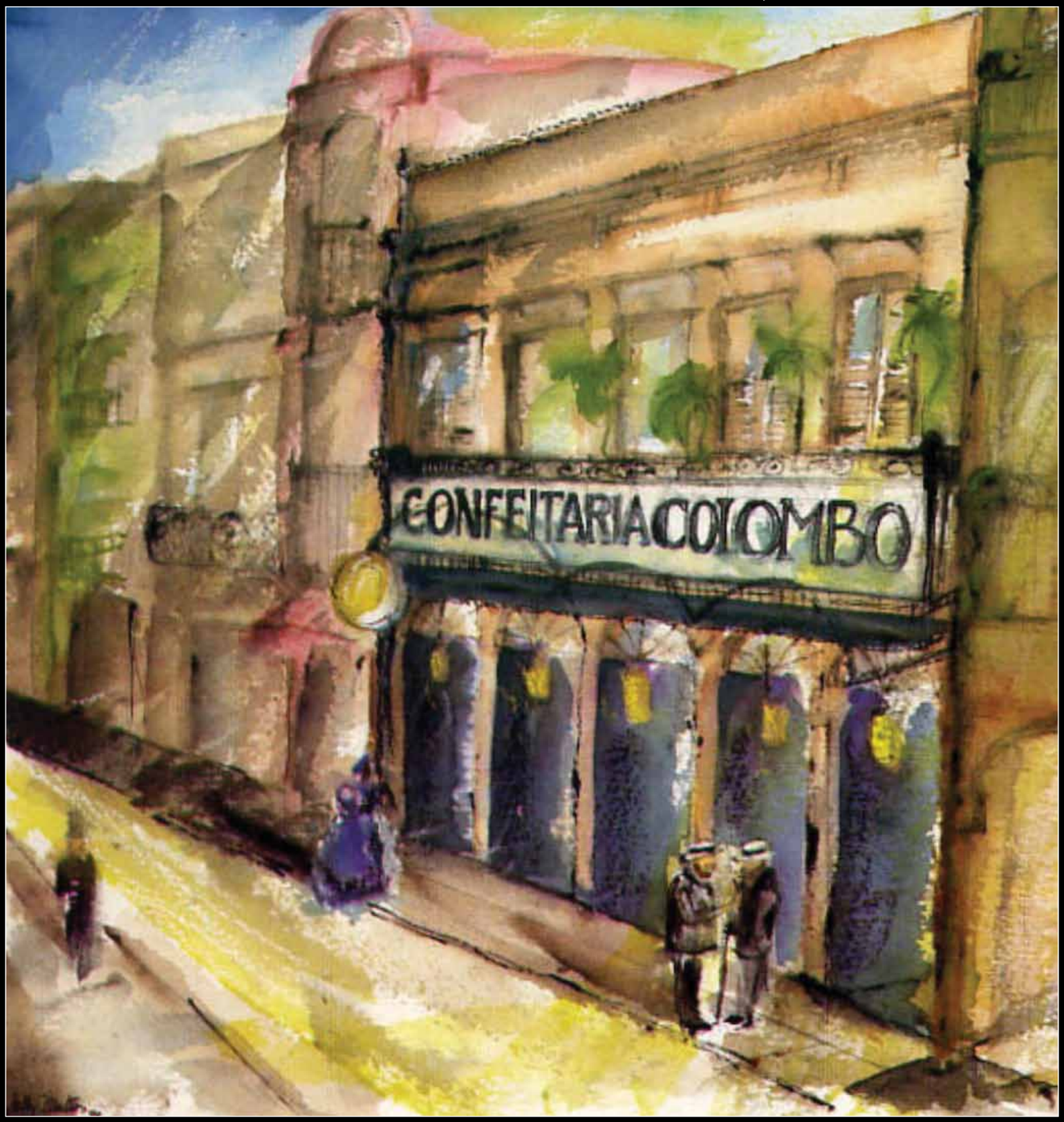
por Elizabeth de Mattos Dias e Alda Rosa Travassos*

Não é uma piada. Assim começou uma grande história de sucesso, chamada Confeitaria Colombo, nascida do empenho de Manoel, o Lebrão – ex-funcionário de uma confeitaria no Largo da Carioca – e da feliz união do seu ideal com o capital de Joaquim, o Meirelles, desejoso de construir um café igual ao de la Paix, em Paris.
A casa foi fundada em 17 de setembro de 1894, uma segunda-feira, que segundo o cronista da época, Leôncio Correia, à Colombo se referindo, dizia que sua abertura "valeu pelo desabrochar do primeiro sorriso largo e sereno do Rio de Janeiro após a luta da Revolta da Armada, que abrira chagas nas almas e nos corações..."

Manoel

Joaquim

Aquarela do acervo de Elizabeth de Mattos Dias



Da estreita Rua Gonçalves Dias, 32, local de grande identidade e boas lembranças pessoais desde a infância, ficam aqui algumas pinceladas de sua história.

Fazer a América foi o objetivo desses dois portugueses — Manoel José Lebrão e Joaquim Borges de Meirelles — que, cheios de sonhos, chegaram ao Brasil no final do século XIX.

Surgida cinco anos após a proclamação da República, a Confeitaria Colombo acompanhou e acolheu grande parte da vida social do Rio, de um tempo descrito pelo escritor Bastos Tigre como a "época alegre e estúrdia que marca a transição da cidade, de ar provinciano, ainda cheirando a mofo imperial, para o Rio, metrópole moderna".

No começo do século, a Confeitaria Colombo funcionava, segundo o escritor e cronista Luiz Edmundo: "...num prédio de mau estilo, loja e sobrado... Salão pequeno. Pequenas mesas. Espelhos curtos... pinturas a óleo. De grande, na casa, só a tabuleta, fora, toda em lona esticada, num painel enorme posto sobre um chassi de madeira da terra, pesando no gradil da sacada de ferro, por onde espiam cinco janelas baixas, feias, de bandeira de vidro e sobrancelhas de gesso... Junto a uma das portas, bem à vista de quem entra, há um empadário de faro e de cristal, e mais para o centro da sala, outros, ambos aquecidos, ambos a fumegar entre nuvens ligeiras de fumaça."

Mas esse prédio de mau estilo cresceu. E mudou. Graças ao espírito trabalhador e à personalidade carismática desses portugueses, que fizeram da Confeitaria Colombo a personagem importante e espectadora privilegiada de boa parte da história do Brasil.

Papai Lebrão

Era como chamavam Lebrão, pelo seu jeito. Desde o começo do negócio teve grande contato com os clientes. Esquecia dívidas, servia doses duplas por doses simples, ouvia a todos, contornava discussões e brigas, pagava o bonde, emprestava dinheiro e aceitava como pagamento de contas anúncios em versos exaltando a Colombo. Com essa política inteligente de boa vizinhança, Lebrão arrebanhou amigos e clientes.

Mas seu comércio não cresceu só por isso. Ele era um empreendedor e inovador por natureza. Princípios de disciplina e organização surgiram primeiro na Colombo. A máxima o freguês tem sempre razão foi sua filosofia, ali implantada e que se espalhou.

Foi também a Confeitaria, a primeira a adotar o uso do uniforme para seus funcionários - terno azul-marinho, camisa branca e gravatinha preta — e o quilo, como medida de referência no seu sistema de pesar os gêneros, em vez de litros, como era corrente na época.

A Confeitaria Colombo destacou-se, ainda, como a precursora da legislação social do Brasil: foi a primeira a dar férias aos seus funcionários e, em1897, já oferecia aos empregados considerados merecedores 20% dos lucros. Também, em 1922, a gorjeta foi substituída pela percentagem de 5% nas vendas, além do salário.

a grande reforma

Foi a partir da transferência da refinação de açúcar, que funcionava na Gonçalves Dias para a Rua 13 de Maio, que se realizou a grande reforma que modificaria a imagem e a vida da Confeitaria Colombo.

O estilo da nova Confeitaria Colombo era o eclético, predominante naquela época.

Ela foi reinaugurada em 1913 com um excelente e luxuoso bar, para os que preferissem tomar os aperitivos em pé, e o ambiente de espelhos que vemos hoje, se transformando em um restaurante para 180 pessoas.

A Confeitaria Colombo misturou *art nouveau* e Luis XVI e a nota mais moderna foi dada pela clarabóia, em vitrais, e que é considerada uma das mais importantes obras de arquitetura e decoração da *belle époque* carioca. Destaque para os espelhos vindos da Antuérpia, de navio, para o Brasil.

Com a grande reforma foi construída uma nova casa dentro da Confeitaria Colombo, instalada a seu lado. Surgia o armazém. Ali se encontrava tudo o que se podia desejar, em matéria de alimentos de boa qualidade nacional ou importado.

Qualquer produto fino, difícil no mercado, achava-se naquele setor da casa: bacalhau, enlatados, frutas frescas, iguarias importadas e os muito procurados biscoitos ingleses, dentre tantas outras coisas. Como a da confeitaria, a fama do armazém cresceu e, sobretudo durante à tarde, era grande a presença de compradores.

Dizia-se, à época, que à Confeitaria, elegantíssima, Lebrão juntara um formidável armazém, cujo movimento era de uma alfândega do estômago.

Os outros portugueses empreendedores

Com o afastamento de Manoel Lebrão da sociedade, em 1919, a firma ficou sendo capitaneada por Eloy José Jorge - o seu Jorge, sobrinho de Meirelles — e Antonio Ribeiro França — o França, que desde cedo assessorara Lebrão na parte tão importante da comunicação com o público.

França foi um grande relações-públicas da Colombo, na imprensa e a clientes, políticos, magistrados, senhoras e senhoritas.

Jorge era o homem dos bastidores, a cabeça empresarial da firma, imprimindo à administração o cuidado nos detalhes, a exigência em todos os segmentos e o temperamento inventivo.

a década de 30

Época em que se deu a abertura da extensão do armazém no prédio da Rua Sete de Setembro número 96, que internamente

Armazem e fábrica em 1909

Na década de 30 se deu a abertura da extensão do armazém no prédio da Rua Sete de Setembro número 96, que internamente se interligava em "L" ao antigo, na Rua Gonçalves Dias

Quantas delícias inesquecíveis de lá vieram! A Geléia de Mocotó Colombo, em 1916, uma idéia de Eloy José Jorge, inicialmente fabricada para consumo apenas dos clientes; O Creme de Arroz Colombo sob o slogan de o alimento ideal da criança

se interligava em "L" ao antigo, na Rua Gonçalves Dias, e, a transferência e expansão da fábrica em 1943, para o complexo da Saúde, abrangendo as Ruas da Gamboa, Livramento e João Álvares.

Banquetes que fizeram história

A Confeitaria Colombo ia além de seus salões. Era também o elegante serviço de banquetes e recepções que oferecia aos mais diversos clientes na cidade do Rio de Janeiro.

O Palácio do Catete e o Palácio Itamaraty eram os mais assíduos clientes para suas recepções a chefes de Estado e homenagens em geral. A Confeitaria Colombo também fornecia suas iguarias para casamentos e festas familiares, empresas privadas e comemorações de eventos, criando para cada um, serviço de marcante beleza e estilo.Dois desses banquetes ficaram na memória. O primeiro deles oferecido pelo presidente Epitácio Pessoa ao rei Alberto da Bélgica, em 1922. Para o requintado evento foram especialmente encomendados, pela Confeitaria Colombo, louças e cristais importados — Saint Louis, com arabescos em ouro, Baccarat, Cristofle e Limoges.

O outro, quando da visita ao Rio de Janeiro da rainha da Inglaterra, Elizabeth II, onde foi servido o sorvete de bacuri que tanto a encantou. Iguaria presenteada depois à soberana, pela direção da Confeitaria Colombo, em muitas caixas, enviadas a bordo do seu navio, antes de sua partida.

A filial de Copacabana

Foi com Eloy Jorge que se deu a caminhada da Confeitaria Colombo atrás dos novos consumidores da Zona Sul. Certa feita, ao passar por Copacabana, viu duas casas velhas em uma esquina do bairro e, para espanto dos que o acompanhavam, decidiu, com sua objetividade, que iria comprá-las, derrubá-las e construir ali um edifício, cuja loja seria a Confeitaria Colombo de Copacabana. Com viagem marcada, deixou orientação para a concretização do negócio. Ao voltar, nada tinha sido feito. Não tinham acreditado na sua audaciosa proposição. Rapidamente, então, concretizou a compra, demoliu as casas e deu inicio à nova Colombo. Com um projeto da

Aquarela do acervo de Elizabeth de Mattos Dias

firma Pires & Santos, a nova filial, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 890, esquina com a Rua Barão de Ipanema, foi inaugurada em 18 de abril de 1944.

Até hoje, em Copacabana, lá estão as portas desenhadas com o belo brasão da Colombo e, também, a inscrição sobre o mármore da entrada. O Banco do Brasil que ocupa a loja mantém como homenagem, inclusive, a denominação de sua agência.

Na Belle Époque começou o hábito. Desde cedo, famílias inteiras vinham à Rua Gonçalves Dias para provar as últimas novidades trazidas da Europa, que a Colombo lançava

a indústria colombo

Quantas delícias inesquecíveis de lá vieram! A Geléia de Mocotó Colombo, em 1916, uma idéia de Eloy José Jorge, inicialmente fabricada para consumo apenas dos clientes; O Creme de Arroz Colombo sob o slogan de o alimento ideal da criança; além de outras farinhas de grande aceitação como a Fécula de Batata, o Sagu de Mandioca e o Rozil.

Mais tarde surgiram as geléias de frutas: goiaba, pêssego, morango e uva e as latas de doces: marmelada, bananada e o especialíssimo Marrom Glacé, com receita francesa.

A marca de qualidade Colombo também teve sua linha de biscoitos finos. Embalados em inconfundíveis latas, seus sabores salgados ou doces, como Coktail, Pif-Paf ou Nancy disputaram a preferência dos fregueses.

Outro produto característico e tradicional de fabricação pioneira da Confeitaria Colombo ficou conhecido como Leque Colombo — gaufrettes — receita também trazida da França na década de 10, por Eloy José Jorge.

o tradicional chá das cinco

Na *Belle Époque* começou o hábito. Desde cedo, famílias inteiras vinham à Rua Gonçalves Dias para provar as últimas novidades trazidas da Europa, que a Colombo lançava.

O que chegava de novo tinha de ser estreado na Colombo. Fazia parte do programa de senhoras e senhoritas adquirirem nos balcões, após o lanche com salgados e docinhos, gostosuras famosas no exterior, como as exóticas violetas cristalizadas, os caules de angélicas, os botões de rosas, que faziam parte das delicadezas gastronômicas em moda, na época.

Era um tempo em que ir às compras significava, também, dar uma passadinha na Colombo, para um chá ou sorvete. As senhoras caprichavam na *toilette*: chapéus de plumas, luvas e leques, fazendo de sua subida para o salão do segundo andar, de segunda a sábado, um verdadeiro desfile de modas. O chá -five o'clock tea — era saboreado ao som de uma orquestra de cinco músicos.

as rodas

A Confeitaria Colombo sempre se destacou, na vida da cidade do Rio de Janeiro, como ponto de encontro de intelectuais, políticos, artistas, empresários e personalidades em geral, servindo de cenário para debates, discussões sobre assuntos nacionais e internacionais e decisões importantes.Falar das rodas da Colombo é trazer à luz momentos inesquecíveis. Os freqüentadores famosos faziam parte do charme da casa, atraindo o público e provocando notas e comentários na imprensa. Da sua fundação até os nossos dias, duas rodas merecem um destaque especial.

Localizada no salão do segundo andar, à direita, logo à entrada, ficava a mesa de número um, onde desde 1942, teve início a roda do Flamengo. Lá pontificaram personalidades ligadas ao Clube de Regatas do Flamengo, rubro-negros apaixonados como Gilberto Cardoso, Fadel Fadel, Ari Barroso, José Lins do Rego e tantos outros. Esse grupo passou à história como "os dragões negros", porque pareciam, com suas combinações — grandes decisões do clube ali surgiram —, membros de uma seita chinesa. A mesa sempre foi reconhecida pelo pequeno estandarte do Flamengo sobre ela, objeto valiosíssimo, com inúmeros autógrafos de ilustres rubro-negros.

E o que falar da "roda dos amigos das belas letras"?A partir do final do século XIX, surgiu nos salões e transformou a casa. Dela, Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac foi a figura maior. A reunião dessa roda, inicialmente, era na Confeitaria Paschoal, o sucesso de então. Mas em 1896 Bilac brigou com o dono da confeitaria e mudou seu QG literário para a Colombo. Lá preferia uma cadeirinha no canto esquerdo do salão térreo, que ocupava às tardes. Segundo Bastos Tigre, outro integrante dessa roda famosa, lá chegava pontualmente, todos os dias "às cinco da tarde, depois de terminados os seus afazeres", e "tomava cajuadas ou inundava-se de Caxambu", a água mineral.

Foram muitos os poetas, romancistas, cronistas, jornalistas que abrilhantaram essa roda, nos salões da Colombo. De Machado de Assis a Emílio de Menezes — que escrevia a lápis, nas mesas de mármore, e certa feita, a troco de trinta mil réis, escreveu o famoso Hino à Dentada; de Bastos Tigre a Rocha Alazão e Guimarães Passos; de Severiano de Rezende — o padre Severiano, de batina da Casa Raunier, que recitava versos com voz sacerdotal e escandalizava a clientela familiar, por fazer parte da roda boêmia — a João do Rio; de José do Patrocínio a Goulart de Andrade, Luis Murad, Luis Peixoto; de Coelho Neto a Júlia Lopes de Almeida; de Olegário Mariano a Carlos Maul e Lima Barreto e tantos, tantos outros até

Luis Edmundo (Melo Pereira da Costa), o grande memorialista da cidade, que foi o derradeiro integrante da roda a falecer, em 1962.

curiosidades

Quando o melhor amigo do homem virou o xodó das senhoras e inspiração para os literatos.

Menelik — herói da Líbia na luta contra a Itália, em 1896 — foi o nome que imortalizou o cão de Lebrão. No momento em que os líbios comemoravam a vitória e o nome de Menelik era glorificado, nos fundos da Confeitaria Colombo a cadela "Boca-Negra" dava à luz a uma ninhada de três filhotes. Destes, só um sobreviveu — um macho amarelo, manchado, recebendo o nome de Menelik.Cinco anos depois, Menelik já era um cão molenga, preguiçoso, peludo e sonolento, conhecido dos freqüentadores da Colombo, onde vivia num intenso vai-e-vem, em todos os ambientes da casa. Menelik era o cão mais popular, em toda a cidade, fazia parte do estabelecimento, conhecido dos freqüentadores da Colombo. Era afagado por todos, procurado, querido. Aproveitava as carícias das senhoras e senhoritas, comia em suas mãos durante à tarde e, à noite, enroscava-se nos pés dos literatos e das cocottes.

São do jornalista e escritor Emílio de Menezes os versos que exprimiram os sentimentos de todos, a respeito do cão de Lebrão, aproveitando para satirizar, no final, a prática da mordida, adotada pelos boêmios e intelectuais, quase sempre sem dinheiro para fazer face às despesas na Confeitaria e fora dela.

Em tempo: mordedores era a expressão usada para os que pediam dinheiro emprestado a Lebrão.

os embrulhos diferenciados

Como conta o mais antigo funcionário, José Pe-

"Não é um simples cachorro
o Menelik
É um ser que raciocina,
um ser que pensa,
Que detesta o que é mau,
que ama o que é chic.
E que é dotado de uma sorte imensa!
Somente abana a cauda por debique
E trata com suprema indiferença
Certos amigos como o Rocha,
o Henrique,
Com quem vive em constante
desavença.
Conhece toda a atual vida mundana
E o segredo de todas os amores
Desde a Tijuca até Copacabana.
Ele é um cão que não morde, meus
senhores,
Mas quando mordem o Lebrão,
a gana
Então lhe chega e morde...
os mordedores!"

Menelik

reira Correia Lopes, ou simplesmente, o Pereira, que teve como seu primeiro e único emprego, a Confeitaria Colombo, onde está há 45 anos.

"A gente embrulhava tudo. Tinha que saber embrulhar porque não existiam sacolas. Foi um custo as pessoas aceitarem sacolas na Colombo. Foi um custo porque a gente tinha um papel tradicional, um papel rosa, e o barbante era de três cores, com três fios trançados – um vermelho, um verde e um branco. Lembro que certa vez estava embrulhando, depois me dirigi para trás para atender a uma pessoa, e quando atendi aquela pessoa disse assim: "Nossa, que moça linda, de vestido de seda". Ela comprou não sei se foi uma pão de forma, de centeio ou coisa parecida, depois um superior meu, disse: "Sabe quem você atendeu, Adalgisa Colombo,a que foi Miss Brasil.

E eu nem sabia!"

Vale ainda lembrar, nesse baú...

O antigo mobiliário das luminárias de bronze, as mesas com os pés de ferro retorcidos e os tampos de mármore italiano, as cadeiras com assento de palha em estilo Luiz XVI; o piso de ladrilho hidráulico;

A louça personalizada em ouro, verde e branco, que era louça portuguesa, de Vista Alegre (a xícara de café tinha o nome de "casca de ovo" de tão fininha que era);

Os salões onde os homens não podiam sentar sem paletó, e sempre tinha um, de reserva, para ser emprestado aos que vinham sem ele. Várias vezes o "freguês" pagava e botava o troco no paletó, que não era dele, e acabava deixando lá, após devolver o paletó. Depois os garçons iam correndo e chamavam: "Olha seu troco!".

As balas de ovos e as balas queimadas. feitas artesanalmente, embrulhadas em papéis coloridos;

Os doces pequenininhos, para festinhas, em formatos especiais como um ratinho, uma aboborazinha, e outros. Tudo à base de massa de ovo;

Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac e sua roda

Os cristalizados, a linha de pães — ah! o famoso brioche, receita francesa, que tinha uma bolinha em cima para decorar...

O sassarico inspirador

Para entender porque a Colombo tinha fama de ser um ponto estratégico, no Centro da cidade, para se admirar as mulheres bonitas, é necessário voltar no tempo. E aí encontra-se Olavo Bilac fazendo das suas. Foi ele quem instituiu a "paquera" na porta da confeitaria.

Quando se cansava de conversar, no salão, levantava-se, levava todo o grupo para a calçada e dizia: "Vamos namorar agora, que o Rio está cada vez mais cheio de belas mulheres". E ficavam na porta, durante horas, olhando as moças que passavam, dirigindo-lhes galanteios.

Além da "paquera" do grupo de Bilac havia também uma outra, mais discreta: a contemplação da beleza feminina pelos que iam freqüentemente à Colombo buscar senhoras e senhoritas que ali tomavam o lanche ou o chá. Esses faziam hora na porta e, como muitos eram senhores de uma certa idade, teve início a fama dos velhinhos da porta da Colombo.Os compositores Luiz Antônio, Zé Mário e Oldemar Magalhães traduziram bem esse fato pitoresco da cidade, na marchinha "Sassaricando", grande sucesso de Virginia Lane — a vedete do Brasil —, no carnaval de 1952.

A marchinha começou a ser composta em 1951 e tem um dado interessante: nela o compositor Luiz Antônio usou pela primeira vez, na música popular brasileira, uma rima aproximada (Colombo / assombro), prática adotada mais tarde por Chico Buarque.

"O sucesso foi tamanho, que o Walter Pinto, que estava lançando uma revista onde eu estaria no elenco, chamada "Jabaculê de Penacho", no Teatro Recreio, mudou rapidamente esse nome para

"Eu Quero é Sassaricar", lotando a casa diariamente", disse Virgínia Lane.

"Sassaricando" foi, ainda, sucesso de Virgínia Lane no cinema, no filme "Tudo Azul", uma chanchada dos Studios Flama.

Essa é uma pequena parte de uma grande história, que tive oportunidade de relatar no livro

"Confeitaria Colombo", feito juntamente com Alda Travassos, e que contou com o apoio importante e sempre gentil de Vera Marina Jorge — neta de Eloy Jorge, sobrinha-bisneta de Joaquim Borges de Meirelles e ex- diretora da Confeitaria Colombo (hoje a empresa não pertence mais à sua família) — que o tempo transformou em uma feliz amizade. Agora estamos preparando uma segunda edição, atualizada e com novas e saborosas histórias, dessa Confeitaria que há 114 anos tem sua história ligada à fatos importantes da cidade.

Nesse trabalho foi gostoso desvendar os mistérios desse ícone carioca, da trajetória de empreendedores de além-mar, que amaram essa cidade, construíram esse comércio com trabalho e dedicação, e que contemplou duas viradas de século. Foi bom poder transformar essa história em escritos, traços e tintas.

Elizabeth de Mattos Dias *é designer gráfica, pesquisadora e escritora*
Alda Rosa Travassos *é jornalista, pesquisadora e escritora.*

Rio: luz, câmera e ação

por **Mônica Sinelli**

Cinema, música e jornalismo. Neste tripé está apoiada a arte singular dessa diretora de filmes, que carrega no sobrenome um compromisso com o que há de melhor na cultura do Rio. Pela lente sensível de Izabel Jaguaribe, filtram-se o sublime e o profano, luzes e sombras da cidade. O filme vai começar!

Não é à toa que a menina dos olhos da vez foi batizada de "O corpo do Rio", documentário que dirigiu com Olívia Guimarães — produção tripartite Brasil, França e Argentina — e que será lançado no início de 2009. "Sou um pouco obcecada pelo Rio de Janeiro, acho um lugar incrível. Nesse filme, criamos um panorama da cidade através da ótica do corpo, cuja exposição por causa do clima e da natureza constitui um aspecto muito impactante. A idéia era mapear o Rio de Janeiro em sua diversidade de bairros, pela leitura da nossa cultura corporal, que é tão forte", explica a carioca nascida no Jardim Botânico e moradora do bucólico bairro do Alto da Boa Vista.

Para a abordagem do carnaval, pelo viés do profano, foram realizadas gravações na Portela, Mangueira, Caprichosos de Pilares e Mocidade, com personagens que vão de Dodô, uma passista com mais de 80 anos, a Luma de Oliveira em sua última passagem na Avenida, gente de dentro e de fora daquelas comunidades. "Na Marquês de Sapucaí, captamos imagens nas áreas da concentração e da dispersão, ou seja, o que vem antes e depois do desfile em si. E que são as partes mais interessantes para a observação profunda do comportamento humano. Ali estão os momentos mais orgânicos e surpreendentes, porque não são tão visados pelas televisões."

E tem o lado da miscigenação, que aparece bem representado em um dos ensaios na Portela, em que havia uma japonesa toda vestida igual às passistas. "Ela estava se achando 'a mulata'. Foi divertido, porque traz uma concepção de que mulata não é só uma mistura de cores ou feições. Uma das principais passistas da escola, a Coca, conta no filme que mulata é uma profissão. Segundo ela, existe a mulata de palco, de shows e a mulata de samba no pé, da Avenida. Uma cor

virou um produto de exportação". Izabel lembra que o censo no Brasil permite que o entrevistado declare sua própria cor. "Pesquisamos um deles em que as pessoas se auto-intitulavam 'churrasquinho queimado', 'marrom bombom', moreno jambo', 'café com leite, 'lombo assado', 'branca azeda'. A gente fez até uma brincadeira de criar uma vinhetinha com essas palavras, para acompanhar a enquete que realizamos no Saara, no Centro. As pessoas passavam e perguntávamos: 'e aí, qual é a sua cor?' Teve de tudo, lembra Izabel.

melhor ser alegre que ser triste

A música que enriquece as histórias é um capítulo especial. "Uma coisa de que me orgulho muito nesse filme é a trilha sonora, composta por uma parte original, assinada por Maurício Pacheco, e por músicas escolhidas de acordo com os diversos temas, como "Crioula", de Jorge Benjor, e "Rap da Felicidade", de Julinho Rasta e Kátia. O rap foi pinçado para uma das personagens de que mais gosto no filme, a Marilene, uma autêntica encarnação daquela máxima do Vinícius de Moraes — 'é melhor ser alegre que ser triste'. Ela é gari, cheia de filhos, faz cachorro-quente e milhões de bicos para dar conta de tudo, e é uma pessoa muito positiva. Sua casa está sempre lotada de crianças vizinhas, tem uma lajezinha com uma piscininha, rola um pagodinho. Marilene, realmente, é uma figura do tipo lição de vida, de como ser feliz e guerreira. Para homenagear Dodô, selecionamos "Foi um rio que passou em minha vida" (Paulinho da Viola), símbolo da Portela. "Aquarela Brasileira", samba-enredo de Silas de Oliveira, na voz de Fernanda Abreu, é a grande música de encerramento, como se fosse o apogeu, a coroação do carnaval, desse bloco do profano. Já no módulo do sagrado, usamos "Partido Alto", de Chico Buarque, interpretada por Caetano Veloso".

A religião católica está retratada com gente subindo de joelhos a igreja da Penha para pagar promessas e, também, uma procissão no Centro da cidade. O sincretismo passa por um pastor evangélico do Morro do Borel e uma mãe-de-santo francesa, branquinha e de olhos azuis, chamada Gisele Cossard, dona de um terreiro no pé da serra. "É uma ruptura do clichê do 'preto véio' como pai-de-santo, estabelecendo uma ponte entre o sagrado e a miscigenação. Ela era de uma família de pequena burguesia e se casou com um diplomata, mundo que a aborrecia profundamente, por não oferecer as verdadeiras coisas que procurava na vida. Resolveu abandonar tudo e se dedicar ao candomblé, em que se sente muito mais realizada. Achei bastante curiosa a história dessa personagem inusitada, a visão de uma estrangeira para a nossa mistura de raças e religiões."

corpos invisíveis

O documentário captura a emoção das pessoas que estão marginalizadas, na rua ou que não são manchete, a menos quando acontece uma tragédia. "Vemos a vida das pessoas, complicada, sofrida. Apesar de tudo, elas estão animadas, contentes, pensando no futuro, tentando construir coisas. Entrevistamos o Mosca, codinome 'Revoltado', que é o típico cara que deu a volta por cima, um sobrevivente. Exemplo do abandono total, esteve em uma dessas chacinas de criança de rua, se perdeu da mãe e nunca mais a encontrou, levou tiro de bala perdida. Mas com garra, batalhando, conseguiu um jeito de se estabilizar um pouco e hoje tem um programa numa rádio que funciona na Lapa."

Está em foco também a maior favela do Brasil. "Conversamos com Charles, morador da Rocinha e que estava terminando o curso de mestrado, já em um nível de estudo superior a que muita gente

Marilene

Dodô

Gisele

Cenas do inédito 'Corpo do Rio', filme de Izabel Jaguaribe e Olivia Guimarães

da Zona Sul não chega. Ele tem essa tese dos invisíveis: os habitantes da favela estão ali, mas parece que ninguém os vê. Sempre que se fala em favela é pelo lado pesado, do tráfico, da violência, da pobreza". E que é uma minoria, acrescenta Olívia Guimarães, co-diretora do filme, que faz um recorte na Rocinha de uma classe média nova, emergente, com estudo, poder aquisitivo, comércio estruturado, vida social, lazer. "Percebemos uma geração enorme querendo ascender, ter oportunidades. Mas a marginalização ainda é muito forte. Há uma frase da Gisele, moradora do morro e que trabalha numa loja no Shopping Fashion Mall, que me sensibilizou muito. Ela diz que estudar é um luxo e pergunta como fazer para lutar pela sobrevivência e, ao mesmo tempo, crescer profissionalmente. Ela não quer ser lojista, sonha com uma carreira acadêmica, mas precisa trabalhar para se manter," diz Olívia.

O filme mostra ainda o contraponto personificado pela Barra da Tijuca, ponte para o mundo do consumo, da cirurgia plástica, do botox. "É o sentido da proteção ao corpo nos condomínios fechados, nos shoppings, por medo da violência. Há um corpo mais fabricado, mas também outro supersaudável, solar, com uma garotada que vive uma vida de sonho entre academia, praia e programa noturno. No que se refere à cirurgia plástica, queríamos falar tanto da estética quanto da reparadora. Temos uma incidência quase de guerra em relação a armas de fogo. Há um trabalho maravilhoso das pessoas que lidam com queimados, com reconstituição de partes do corpo que sofre violência."

Além do circuitão oficial, as diretoras sonham com as praças populares para exibição do rebento. "Temos vontade de mostrar o filme a céu aberto, percorrer de novo com ele os caminhos em que rodamos, levar nas escolas de samba, na praia. As pessoas vão se ver ali, se identificar com

"Uma coisa de que me orgulho muito nesse filme é a trilha sonora, composta por uma parte original e por músicas escolhidas de acordo com os diversos temas"

aquilo tudo. Acho que "O corpo do Rio "agradará muito mais ao grande público do que às pequenas salas. É um filme que tem a cor da gente, não a cor da elite. Tem a cor da cidade mesmo, que é impregnada de melanina", resume Olívia.

Elza no Ringue

Em meio a esses preparativos, Izabel Jaguaribe finaliza imagem e som do documentário sobre a cantora Elza Soares, que dirigiu em parceria com Ernesto Baldan. "Elza é uma figura fascinante, cheia de energia, que teve uma vida complicada, mas que sempre levanta a poeira e dá a volta por cima. Ela foi muito abençoada com aquela voz espetacular e incomparável, que lhe deu acesso ao mundo. E não tem medo de arriscar, de explorar ao máximo o talento que possui. Não fica restrita ao samba, vai para o rock and roll, hip-hop, rap, busca se reinventar sempre. Esse bichinho da inquietação não a deixa descansar. Elza diz que às vezes prefere desafinar para saber até onde pode ir. Isso é coragem para se testar ao máximo, ir nos seus limites, para se conhecer e tentar fazer o melhor. Ela brinca com essa coisa de não poder falar a idade, porque acha que seria como jogar a toalha, quando ainda está em combate no ringue. Esse jeito abusado e investigativo é uma das características que mais me impressiona nela", ressalta Izabel.

Na intensa linha de montagem, está engatilhado o projeto de um documentário com Martinho da Vila a ser filmado no próximo ano, juntamente com Maria Eugênia Stein e Paulo Dantas. "O título provisório é 'Martinho, coração africano' e terá todo o universo musical dele incrementado com as novidades que vêm da África, com a coisa da língua portuguesa, os sotaques, a cultura de cada lugar, a comida, o cheiro, as cores". Mais um mergulho na alma de um artista brasileiro, como o realizado no mundo de Paulinho da Viola no elogiado "Meu tempo é hoje". "Este documentário foi feito ao longo de quase um ano, o que criou a proximidade e a confiança necessárias a que as gravações fluíssem bem. Eu não o conhecia pessoalmente, mas adorava sua música e me encantava a figura, a personalidade dele. Sempre nesses filmes o que destaco é a música, estamos ali por causa da música, que acho uma arte preciosa e que nos faz pessoas melhores e mais felizes. E encontrei em Paulinho não só um músico incrível, mas também um pensador, uma pessoa que reflete sobre a vida, sobre o nosso tempo. O filme acabou direcionado para essa questão do tempo, porque fui percebendo a atenção especial que ele dedica a esse assunto. Aquela música do Ismael Silva que fala 'meu mundo é hoje, não existe amanhã para mim' traduz muito essa idéia que o Paulinho tem, de o mundo dele ser hoje, de

"Sempre nesses filmes o que destaco é a música, estamos ali por causa da música, que acho uma arte preciosa e que nos faz pessoas melhores e mais felizes"

não guardar saudades, de lidar com a passagem. É uma filosofia iluminada."

ninguém é igual a todo mundo

A autora desses filmes com sotaque tão carioca iniciou a carreira como assistente de Walter Salles Jr em" A Grande Arte" e foi diretora de publicidade durante longo tempo até começar a trabalhar com documentários. Os primeiros foram "Um dia qualquer" (com Zuenir Ventura) e "Passageiros" (com Dorrit Harazim), produzidos pela Videofilmes para a série "Seis histórias brasileiras". "Vi no documentário a chance de juntar o jornalismo, profissão em que sou formada, mas nunca exerci, a esse amor que tenho pela imagem, pela fotografia. Agora, estou tentando consolidar cada vez mais a minha produtora, a Jaguar. Preparo um documentário, talvez em DVD, sobre meu pai, chamado "Música, Filosofia e Vinho", adianta a caçula de quatro irmãos do cientista político Hélio Jaguaribe. "Perguntei quais eram as coisas mais importantes na vida e ele citou essas três. Achei um título bom, e estamos filmando de um jeito bem caseiro, não tem dinheiro nenhum. E quero muito fazer um filme de ficção, a partir de uma história que estou desenvolvendo com minha irmã, Beatriz, cujo título será "Ninguém é igual a todo mundo". Isso foi uma coisa que a gente ouviu na rua. Uma amiga dela estava colocando o carro numa vaga muito apertada e o guardador foi parabenizá-la: `a senhora arrasou, já vieram mais de quatro pessoas hoje que lutaram para estacionar aí e ninguém conseguiu'. Ela falou: 'pois é, rapaz, chega alguém que consegue'. E ele mandou essa: 'é, ninguém é igual a todo mundo'. Adorei isso". E não é mesmo, Izabel.

NEGÓCIOS & FINANÇAS

RelatórioReservado

A NEWSLETTER MAIS INFLUENTE DO BRASIL

TÃO VALIOSO QUE DEVERIA SER IMPRESSO EM PAPEL-MOEDA

ASSINE

www.relatorioreservado.com.br

atendimento@relatorioreservado.com.br

Tel: (21) 2509-5399 - ramal 238

Fax: (21) 2526-7041

EDITADO POR Insight

O condão de fazer música da pedra

por Monica Ramalho

Qual é o segredo para produzir uma obra tão caleidoscópica e multifacetada, que faz um tributo a todos os ritmos e gêneros? O mago das partituras é o maestro Edino Krieger, que compôs música dodecafônica, flertou com a MPB, foi parceiro de Vinícius de Moraes, dirigiu o primeiro festival de música clássica do país e até criou jingles. Acha que é pouco? Pois o nosso herói fez música para teatro, trilha sonora de cinco filmes dos Trapalhões, além de oratórios e peças sinfônicas. Edino vestiu a casaca, empunhou a batuta e fez chover música nos jardins desta cidade maravilhosa.

Compositor e maestro premiado, com passagens por jornais, rádios e instituições culturais, Edino Krieger chega aos 80 anos com a mesma vitalidade de sua música, cada vez mais presentes nas salas de concerto mundo afora. Catarinense de berço e carioca por paixão, Edino nasceu numa daquelas famílias bem musicais. "Meu pai tocava vários instrumentos. O principal era o bandonión, que, aos dez anos, ele já empunhava no cinema-mudo. Depois violino, clarinete e acordeon. Era o mais velho de dezessete irmãos e ensinou música a todos os que cresceram com ele, pois quatro morreram antes de completar 2 anos". O ano era 1929, quando Aldo Krieger reuniu irmãos, primos e tios do lado italiano e fundou o primeiro jazz band de Santa Catarina. O curioso é que, com um nome tão sóbrio — Jazz Band América —, a turma fazia música de carnaval. Edino era apenas um garotinho de 1 ano de idade, que mal sabia o quanto aqueles momentos influenciariam nas suas escolhas.

"As minhas primeiras lembranças musicais são dos ensaios do jazz band na alfaiataria do meu avô. Eles afastavam as máquinas de costura e botavam para quebrar. Os jovens da cidade também apareciam para escolher as fantasias, que podiam ser de jardineira, touradas em Madri ou periquito verde". Na estante, reluziam as partituras que eles mandavam buscar em São Paulo. A banda era formada por dez músicos, cinco de sobrenome Krieger e os outros cinco, Diegoli. "De Brusque, foram solicitados a tocar nas cidades vizinhas. Comecei a assistir aos

"Quando me viu com o violino dele, já tirando umas musiquinhas de ouvido, meu pai resolveu me ensinar a sério. Mandou fazer um violino menor, que hoje pertence ao acervo do Instituto Aldo Krieger"

Rio de Janeiro, 1942

ensaios dois ou três anos depois." Fora da época carnavalesca, Aldinho, como era conhecido, se reunia com o mesmo time de músicos num boteco qualquer e ali eles preparavam as serenatas para as namoradas. O repertório variava entre polcas, valsas e choros cariocas de Ernesto Nazareth e Chiquinha Gonzaga, que encantavam Aldo desde a adolescência. "A última seresta era na porta de casa, para amaciar a minha mãe, que recebia todos com cafezinho às cinco da manhã."

O tempo avançou um pouco e Aldo percebeu a inclinação de Edino para a música. Tanto é que num belo dia chegou em casa com um violino de presente. "Era de verdade, veio numa caixa de violino com arco de violino. Acontece que quando você passa o arco no instrumento, ele solta um pozinho esbranquiçado sobre o tampo. E adivinha o que eu fiz? Lavei o violino (risos). Botei num tanque, esfreguei e pendurei para secar no pessegueiro. Quando ele chegou do trabalho e perguntou pelo violino, contei sobre o banho (mais risos). Fomos ver e é claro que o instrumento estava todo torto. O meu pai ficou estarrecido, mas não brigou". Edino costuma dizer que o seu contato direto com a música foi "mais ou menos frustrante" por causa deste episódio.

Aos 7 anos, Edino começou a fuxicar os instrumentos do pai. Com o violino, tocava músicas do naipe de 'Atirei o pau no gato' e 'Ciranda, cirandinha'. "Quando me viu com o violino dele, já tirando umas musiquinhas de ouvido, meu pai resolveu me ensinar a sério. Mandou fazer um violino menor, que hoje pertence ao acervo do Instituto Aldo Krieger." No mesmo terreno do museu está o Espaço Cultural Maestro Edino Krieger, inaugurado em 2008, na véspera do aniversário de Edino. "Meu pai foi um professor rigoroso: eu tinha que estudar cinco horas por dia, mas tapeava (risos). Às vezes, ele saía do trabalho mais cedo e vinha dar uma incerta. Se me pegasse jogando bola de

Rádio MEC. Orquestra Sinfônica Nacional sob a regência de Edino Krieger. À direita, ao fundo: maestro Francisco Mignone (de óculos) e Arminda Villa-Lobos (Mindinha, viúva de Heitor Villa-Lobos).

Aos 14 anos, Edino Krieger foi convidado para fazer um recital no Teatro Álvaro de Carvalho, em Florianópolis. No programa, músicas de Mozart, Schumann e Paganini. Finda a apresentação, o governador Nereu Ramos e sua mulher foram cumprimentar o rapaz e perguntaram se ele gostaria de estudar no Rio de Janeiro

gude, reclamava: 'Como você quer ser um grande músico sem estudar?' Ele tinha razão." O fato é que Edino se dedicou e aos 10 anos estreou nos recitais. Primeiro, em Brusque. Depois nos arredores, como Itajaí e Blumenau.

Aos 14 anos, Edino Krieger foi convidado para fazer um recital no Teatro Álvaro de Carvalho, em Florianópolis. No programa, músicas de Mozart, Schumann e Paganini. Finda a apresentação, o governador Nereu Ramos e sua mulher foram cumprimentar o rapaz e perguntaram se ele gostaria de estudar no Rio de Janeiro. "Eu achava que estava sonhando porque conhecer o Rio era um desejo antigo. A proposta do governador me deixou sem

fala! Aceitei imediatamente e embarquei assim que pude. Basta dizer que em 1943 eu fiz 15 anos e já estava aqui no Rio." Só para variar, a entrada no Conservatório Brasileiro de Música também foi traumática. O diretor Lorenzo Fernandez designou um professor de violino para fazer a audição e determinar o nível de conhecimentos do Edino sobre a técnica do instrumento.

"Eu tocava bem o repertório, mas não sabia fazer escalas nem arpejos com os dedilhados oficiais. O professor não perdoou e disse que eu teria que começar do zero. Meu pai ficou furioso e disse que voltaríamos para Santa Catarina no dia seguinte porque eu não havia ido tão longe para andar para trás. Lorenzo ficou sabendo das intenções de meu pai, nos chamou. 'Aldo, o seu filho fica aqui e estuda com outro professor', disse. Eles decidiram tudo porque eu era muito tímido." No mesmo ano, conheceu Hans-Joachim Koellreutter, compositor e professor alemão, que incluía em seus ensinamentos a música dodecafônica, criada por Arnold Schoenberg. "Quando encontrei Koellreutter no corredor do Conservatório, logo perdi a vergonha: me apresentei e disse que gostaria de fazer um teste para o seu curso de composição. Marcamos para o dia seguinte. Passei a noite sem dormir, evidentemente, compondo alguma coisa para apresentar. Cheguei na sala com duas folhas de papel pautado. Ele olhou e disse: 'Isso não é nada. Vamos ter que começar do início'. E começamos."

Edino Krieger (de óculos, paletó cinza e camisa branca, olhando a partitura) assiste a classe de composição de Aaron Copland, que está ao piano

Aos poucos, Edino se aproximou dos outros discípulos e amigos do mestre. Koellreutter deixou o Conservatório no final do período, mas continuou dando aulas para aquela turma em sua casa, na Rua Viveiros de Castro, em Copacabana. "Eram todos ótimos: Esther Scliar, Guerra-Peixe, Claudio Santoro, Maestro Gaia, Severino Araújo, Tom Jobim e outros. Eu tinha mais contato com os compositores de música de concerto. Santoro e Guerra-Peixe foram bons conselheiros. Santoro era político e me emprestava livros de temática comunista. Com Guerra-Peixe era diferente: passávamos as noites conversando sobre música. Ele morava na Lapa e tomávamos canjica ao amanhecer. Tudo era muito pitoresco." Em 1948, o compositor americano Aaron Copland veio selecionar três compositores sul-americanos para estudar com ele no curso de verão do Berkshire Music Center de Massachusetts, nos Estados Unidos. Edino foi um deles. E como é habitual em se tratando de Edino Krieger, a chegada na terra do jazz também foi bastante atípica.

Ao Instituto Brasil-Estados Unidos (Ibeu) coube organizar a festa de despedida do então jovem músico e cuidar da viagem. Edino conta que a produção mandou as coordenadas para ele e para quem o recepcionaria no aeroporto lá, só que com um dia de atraso. "Eles avisaram que eu chegaria quando, na verdade, eu estava partindo daqui. Fui parar na imigração e o oficial fez aquela série de perguntas. Eu estava só com 300 dólares na

carteira e passaria seis semanas no curso. 'Maybe one year', acrescentei, porque havia uma promessa de bolsa na Juilliard School, em Nova York. Fui para uma salinha e fiquei esperando. Pelas tantas, apareceu um cara de branco. Entramos num táxi e perguntei qual seria o nosso destino. Ele respondeu que eu estava sob a proteção do governo americano e achei que estava tudo certo (risos)."

Edino foi levado à Ellis Island, uma ilha ao sul de Manhattan, um famoso centro de detenção de Nova York. "Cheguei num sábado de manhã e, no café, descobri que o lugar era dividido entre quem tinha problemas de imigração e criminosos. Fui aos Correios para mandar um telegrama, mas estava fechado e não me restava outra alternativa, a não ser passar o fim de semana jogando ping-pong e conversando. Conheci um senhor italiano que estava na ilha havia 30 anos. Ele montou uma barbearia e se ajeitou por lá. Estava cheia de indianos, japoneses, italianos com problemas no visto de entrada no país. Na segunda de manhã, passei um telegrama para todos, incluindo o Copland. Ao meio-dia me chamaram e fui ao Departamento de Justiça de Nova York para ser ouvido. Encontrei meus salvadores, os responsáveis pela minha estada nos Estados Unidos." Desfeito o mal-entendido, o resto foi só alegria. Edino adorou Copland, conheceu Darius Milhaud e aprendeu a falar inglês com um colega de quarto, trombonista.

Edino analisava as músicas e fazia os exercícios

Rádio Jornal do Brasil, em 1954. Da esquerda para a direita, Edino Krieger, Nélio Machado e Jorge da Silva, o Majestade. Ao piano, Jacques Klein.

nas aulas de Copland. E para este curso, serviu muito o contato anterior com a linguagem serial e experimental de Koellreutter, que tanto interessou aos amigos Claudio Santoro e Guerra-Peixe. "Koellreutter me aconselhou a diversificar. Ganhei a bolsa para estagiar um ano na Juilliard e estudei com um professor da linha neoclássica: Peter Mennin. Estudei também violino com William Nowinsky, assistente do russo Ivan Galamian. Ele achava que eu tinha nascido para tocar violino. 'Esquece composição. Se eu fosse você, me dedicaria exclusivamente ao violino', dizia. Até me prometeu bolsa com Max Rostal, na Alemanha." De fato, Edino atuou como violinista da Mozart Orchestra de Nova York naquele ano e representou a Juilliard no Simpósio de Compositores dos Estados Unidos e Canadá, realizado em Boston.

Antes de ir para os Estados Unidos dividira um apartamento em Santa Teresa com outro aluno do Koellreutter, um flautista e ativista alemão, Walter Elsas. "Deixei uma porção de coisas com o flautista quando viajei. Um ano depois, ao retornar, soube que ele estava em outro endereço. Passei no jornal onde ele trabalhava como linotipista e fomos almoçar um PF num botequim. Ele voltou ao trabalho. Enquanto eu seguia para a pensão onde estava, em Santa Teresa, um cidadão bateu nas minhas costas e disse: 'Você vai falar com o meu chefe. Por favor, me acompanhe.' Quando olhei, estávamos indo para a Polícia Central. O delegado queria saber os nomes dos meus irmãos." O diálogo foi afiado:

"'Quem é Walter Krieger?', indagou. 'Não conheço', respondi. 'Desde quando você é membro do Partido Comunista?', perguntou. 'Desde nunca', falei. 'Qual é o nome da célula que o senhor pertence?', insistiu. 'Não pertenço', escapuli". Mais uma vez era fim de semana e Edino ficou preso. O delegado confiscou a pasta que ele trazia e inventou um motivo à detenção: propaganda. "Foi uma época braba, do Eurico Gaspar Dutra". Cismaram que Edino pertencia à célula Beckman e o pior é que ele havia mesmo assistido a uma reunião dessa célula. Foi quando conheceu Luiz Carlos Prestes. Edino foi salvo por um rapaz com quem dividiu a cela. O rapaz saiu em poucas horas, levando nome e telefone de um irmão do músico. Isso foi em 1949, quando, aos 21 anos, Edino havia colocado um ponto final no capítulo 'Profissão, bolsista' - iniciada seis anos antes.

A partir de 1950, Edino sempre acumulou empregos. Por indicação de Francisco Mignone, foi contratado pela Tribuna da Imprensa como crítico de música de concerto. Atuou neste jornal de 1950 a 1952, quando foi convidado pelo Jornal do Brasil. Escreveu no JB até a década de 1970. De 1950 a 1981, foi redator e produtor de diversos programas das rádios Ministério da Educação (atual Rádio MEC), Roquette Pinto e Jornal do Brasil. No mesmo período, foi diretor artístico da Fundação dos Teatros do Rio de Janeiro (atual Funarj) e em 1969 criou, organizou e dirigiu os célebres Festivais de Música da Guanabara, cujo projeto original foi levado à Secretaria de Cultura por Ricardo Cravo Albin, então presidente do Museu da Imagem e do Som (MIS). A primeira edição, realizada no Theatro Municipal, apresentou 14 partituras inéditas de compositores brasileiros, como Camargo Guarnieri, Radamés Gnattali, Francisco Mignone, Almeida Prado e o Grupo de Compositores da Bahia. Foi comparada em importância à Semana de Arte Moderna de 1922.

Em 1967 e 1968, Edino havia participado como compositor do Festival Internacional da Canção, no Maracanãzinho. No primeiro ano, com 'Fuga e antifuga' (letrada por Vinicius de Moraes) que foi para a final e, no segundo, com 'Passacalha'. Ambas ganharam medalhas de ouro e foi quando Edino pensou em fazer algo dessa magnitude para a música clássica. Levou a idéia ao diretor

Edino Krieger, 80 anos completados em 17 de março de 2008, possui um catálogo modesto em quantidade, mas soberbo em qualidade: inclui obras para orquestra sinfônica, oratórios, coro, vozes e instrumentos solistas, além de partituras incidentais para teatro e cinema

Edino Krieger tendo ao fundo quadro de Scliar feito a partir de suas partituras

do Museu da Imgame e do Som Ricardo Cravo Albin que, de imediato, a abraçou, designando Edino diretor do Primeiro Festival de Música da Guanabara, realizada na Sala Cecília Meireles, com grande sucesso, rendendo inclusive ao MIS, um histórico CD gravado ao vivo.

"A idéia era fazer três festivais anuais e, depois, transformar em bienais. Em 1970, o festival atraiu chilenos, argentinos e colombianos porque o Gama Filho, então secretário de Cultura da Guanabara, queria que fosse um evento de alcance interamericano". Acontece que Gama Filho morreu num trágico acidente e a terceira edição não saiu do papel. "Eu já havia escrito o projeto das bienais e o documento ficou engavetado até cair nas mãos de Myriam Dauelsberg. Ela me telefonou perguntando se podia fazer a Bienal da Música Brasileira Contemporânea". Ao todo, Edino dirigiu as bienais até a 12ª edição, entre 1975 e 1997. Edino também ocupou o cargo de diretor do Instituto Nacional de Música da Fundação Nacional da Arte (Funarte), de 1981 a 1989, ano em que foi nomeado presidente da instituição.

Avançando mais um pouco nessa questão de datas e cargos, em fevereiro de 2003, foi nomeado presidente da Fundação Museu da Imagem e do Som, vinculada à Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro. Em 2005 ocupava, além deste posto, o de presidente da Academia Brasileira de Música (em seu terceiro mandato). Exerceu ainda, em 2004, o cargo de diretor da Sala Cecília Meireles. De 2006 para cá, Edino tem viajado para assistir às estréias de suas obras, como a recente 'Pequena seresta para Bach', para violoncelo solo, apresentada por Antonio Meneses em São Paulo. Em maio deste ano, por exemplo, foi convidado a passar um mês na Casa de Brahms, em Baden Baden, Alemanha. "Brahms morou nesse endereço dos 34 aos 41 anos e foi lá onde produziu as primeiras sinfonias. A casa foi transformada em museu com partituras, fotografias

O mais carioca dos catarinenses

O casal Nenem e Edino Krieger mora no mesmo apartamento, na Rua Barão de Itambi, desde 1972. Fica na confluência de três bairros: Flamengo, Laranjeiras e Botafogo. "Nas correspondências, vêm escrito que aqui é Botafogo, mas na certidão do imóvel consta como Freguesia da Lagoa. Acho essa área muito boa porque é eqüidistante do Centro e da Zona Sul. E aqui você ainda encontra um pouco desse aspecto de bairro com casarões, crianças brincando no parquinho da escolinha, cachorros latindo. Até recentemente tinha um galinheiro bem pertinho. Gosto de tudo isso, embora eu precise de um certo silêncio para fazer música: não consigo compor ouvindo música, por exemplo, ao contrário de Villa-Lobos. Eu me habituei a não recorrer a nenhum instrumento para compor. No máximo, assovio. E para escrever tem que ser à moda antiga, com papel, lápis e borracha".

Quase bodas de ouro

Foi através de um desencontro que Edino e a mulher, Nenem Krieger, se conheceram, em 1966. Edino trabalhava na Rádio Jornal do Brasil e fazia a coluna de música do jornal. Nenem divulgava um evento musical do Instituto Goethe e ligou para ele pedindo uma nota na coluna. Combinaram um encontro. Edino estava na rádio, no 7º andar, mas ela entendeu que ele estaria na redação do JB, que ficava no 5º andar. De volta ao escritório, Nenem telefonou novamente e ele não se fez de rogado. "Fiquei tão encantado com a voz dela que fui buscar o material no Goethe. Foi o canto da sereia" (risos). Naquele dia, conversaram das 14h até o fim do expediente, já de noite. "E estamos conversando até hoje". Nenem e Edino se casaram na igreja em 1969 e alugaram um quarto e sala no Largo dos Leões, no Humaitá. Foi lá onde Fernando nasceu, em 1972 - ele é jornalista e pesquisador, e trabalha na Escola de Música e no Museu Villa-Lobos. Em 1974, foi a vez de Eduardo – o cantor e compositor popular Edu Krieger, em vias de lançar o segundo álbum autoral. O caçula Fabiano, guitarrista do grupo Brasov e da cantora Sylvia Machete e professor de música, veio ao mundo em 1978. A união de Nenem e Edino foi lavrada em cartório em 1979. Eles são avós de Nina, 11 anos, e Cauã, 4, filhos de dois casamentos de Edu.

e um piano de cauda; e também num estúdio que recebe compositores do mundo inteiro — um de cada vez. Você fica lá só estudando a obra de Brahms e, inspirado neste cenário de filme épico, compondo suas peças. Tem uma discoteca com todas as gravações feitas da obra de Brahms e de compositores da época."

Como o baiano Dorival Caymmi, que escreveu pouco mais de cem músicas em toda a longa vida, o catarinense Edino Krieger, 80 anos completados em 17 de março de 2008, possui um catálogo modesto em quantidade, mas soberbo em qualidade: inclui obras para orquestra sinfônica, oratórios, coro, vozes e instrumentos solistas, além de partituras incidentais para teatro e cinema. "Não compus mais talvez pelo fato de ter dedicado a maior parte do meu tempo à sobrevivência. Desde os tempos em que era solteiro desenvolvia duas ou três atividades simultâneas e o tempo para criação sempre foi muito escasso. Quando me aposentei, há dez anos, pensei: 'Agora só vou cuidar da minha música'. E consigo? Toda hora aparece alguma coisa. Isso quando não faço mais do que sou solicitado! Apesar disso, não tenho do que me queixar. O que tenho escrito tem sido executado e a minha música vem sendo cada vez mais tocada."

Nunca a leveza do desenvolvimento foi tão sustentável.

SEMPRE Brasil FOREVER

A REVISTA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

www.insightnet.com.br/brasilsempre

Insight

Orgulho de ser carioca

Sérgio Malta
Economista e diretor do Sebrae RJ

André Telles

Bonita, gentil, delicada, acolhedora, generosa, calorosa, democrática, original, contemporânea, tolerante, liberal, partida, unida, inspiradora, fascinante, deslumbrante, bacana, capital, maravilhosa, enfim, carioca. Essa é a cidade onde nasci e vivi toda minha vida, salvo dois períodos quando estudei e, mais tarde, trabalhei na França. O que, aliás, só fez aumentar minha ligação com o Rio, melhor lugar do mundo para viver e ser feliz.

Nasci, fui batizado, cresci e estudei no Flamengo, onde vivo até hoje.

Passei minha infância e adolescência no quadrilátero formado pela Pinheiro Machado, Aterro do Flamengo, Largo do Machado, Praia de Botafogo. No fim dos anos 60, o Rio ainda era de fato, a capital política do país e nessa região estavam, ainda, quase todas as embaixadas, em cujas secretarias eu abastecia minha coleção de selos. Meu pai, diretor de jornal, trazia para casa as lutas diárias, emoções e polêmicas das violentas disputas políticas nacionais da época, que tinham como palco central a nossa cidade.

Foi no Flamengo também que me apaixonei pelo Botafogo. Naqueles idos, o time se concentrava no Hotel Argentina, na Rua Cruz Lima, ao lado de minha casa. Depois do almoço, nos domingos de futebol ia ver Gérson, Jairzinho e companhia jogar cartas nos salões do hotel, antes do jogo. Às vezes, tomava carona no ônibus do time para chegar ao Maracanã.

Por vontade própria e por obrigações profissionais, viajei muito e posso dizer que não há cidade no mundo, onde você diz que é do Rio, e o seu interlocutor, motorista de táxi, balconista, quem quer que seja, não abra um largo sorriso. Se for jovem vai, inevitavelmente, expressar sua curiosidade e vontade de visitar a cidade. Da mesma forma, meus colegas dos outros estados do Brasil estão sempre insistindo para o Rio sediar reuniões nacionais da nossa organização.

Todos querem, com razão estar aqui e conosco, viver a mágica da nossa cidade, que é um lugar especial, esse conjunto arquitetado pela natureza, combinando morros, mar, baixadas e lagoas, sob os braços abertos e acolhedores do Cristo Redentor.

Mas que, sobretudo, aloja uma gente peculiar e que, certamente, inspirada pelo lugar onde vive, merece as duas dezenas de adjetivos que explicam o Rio, e que por isso ostenta o justo orgulho de ser carioca.

PARA QUEM GOSTA DE NÚMEROS: 107 BILHÕES DE REAIS EM INVESTIMENTOS PRIVADOS E PÚBLICOS.

PARA QUEM PREFERE PALAVRAS: DISCIPLINA E TRANSPARÊNCIA.

RIO, ESTADO EFICIENTE.

O Rio de Janeiro produz boa parte da riqueza do País. E nos próximos quatro anos irá receber mais de 100 bilhões de reais em investimentos públicos e privados. Energia, siderurgia, construção naval, entretenimento, moda, turismo são vocações econômicas do Estado e representam a capacidade de liderança do Rio no cenário nacional e internacional. O Governo do Rio de Janeiro contribui para a criação de um ambiente favorável aos negócios e ao empreendedorismo. Através de profunda reforma administrativa, em curso desde o primeiro dia da atual gestão, o Estado começa a alcançar o equilíbrio fiscal, com redução das despesas de custeio e melhora significativa dos indicadores de eficiência. O Governo do Rio de Janeiro retomou o diálogo com o Governo Federal e com a sociedade civil, para conduzir um novo ciclo de desenvolvimento sustentável, com benefícios reais para os seus cidadãos.

GOVERNO DO Rio de Janeiro

SOMANDO FORÇAS

Fonte: FIRJAN

Não adianta ter fontes de energia renováveis se não **renovarmos nossos hábitos de consumo de energia.**

O mundo precisa de uma revolução em fontes de energia renováveis. Mas, para que o máximo proveito seja obtido, nossos hábitos também precisam mudar. Medidas simples podem iniciar esse processo na sua vida. Faça a diferença agindo diferente. Para saber exemplos do que você pode fazer, acesse: **www.bancodoplaneta.com.br**

Banco do Planeta. Investindo, apoiando e informando.

NEOGAMA/BBH

Fonte: Instituto Akatu

Bradescompleto

www.bradesco.com.br

Banco do Planeta